

**A FORMAÇÃO SUPERIOR EM EMPREENDEDORISMO EM  
PORTUGAL: MAPEAMENTO E ANÁLISE COMPARATIVA**

Anabela Batalha Duarte Pimpão

Dissertação de Mestrado em  
Gestão de Recursos Humanos

Orientador:

Prof. Doutor António Caetano, Prof. Catedrático, Departamento de Recursos Humanos e  
Comportamento Organizacional

Co-orientadora:

Dra. Susana Santos, Assistente de Investigação, UNIDE

Abril 2011

## **Resumo**

O objectivo desta dissertação consiste em realizar um mapeamento da oferta formativa em empreendedorismo que existe actualmente no ensino superior em Portugal.

Muitas das instituições portuguesas do ensino superior têm vindo desde há alguns anos a realizar cursos de empreendedorismo. Contudo, não existe um levantamento sistemático desse ensino em empreendedorismo.

A questão passa por verificar o que existe teoricamente para sustentar esta temática, a oferta do ensino em empreendedorismo e quais são as opiniões dos profissionais que trabalham nesta área perante os recursos disponíveis actualmente. Para tal, foram criados dois grupos de análise. O primeiro diz respeito à análise das unidades curriculares de empreendedorismo (n=338) na formação de base (licenciaturas e mestrados); o segundo - formação especializada - corresponde à análise dos cursos em empreendedorismo conducentes ou não a grau académico (n=27). A recolha dos testemunhos dos profissionais foi realizada através de entrevistas. Os resultados identificam as dimensões dos dois grupos em análise e a relação destes com as variáveis em estudo. No final, são apresentadas algumas limitações relativamente à recolha dos dados, bem como algumas sugestões para possíveis estudos futuros.

Assim, esta dissertação contribui para o conhecimento sistematizado da oferta do ensino de empreendedorismo no ensino superior através da análise das unidades curriculares e cursos de empreendedorismo, quer nas instituições públicas, quer privadas. Comprova-se que este fenómeno deixa de ser um conhecimento estritamente ligado à gestão, mas sim um processo cada vez mais transversal às diferentes áreas do saber.

**Palavras-chave:** *Empreendedorismo; Currículo; Formação; Ensino Superior.*

***Abstract***

The objective of this thesis consists in creating a mapping of the teaching offer in entrepreneurship that we nowadays find in Higher Education in Portugal.

For the last couple of years the Higher Education institutions in Portugal have dedicated time to teaching courses of entrepreneurship. However, there is any survey developed, to our knowledge, about the state of art of the entrepreneurship training in Portugal.

The main focus is based on verifying what, in theory, sustains this theme: the offer in entrepreneurship teaching and the opinion of professionals. Two different groups have been created for analyses. The first one considers analyzing curriculum contents (n=338) in base teaching (degrees and masters), and the second one considers analyzing the courses in entrepreneurship that may or may not lead to an academic degree (n=27). The information from the professionals point of view was gathered through interviews. The results allow the identification of the dimensions of both groups for analysis and the connections between these and the variables at study. Finally, some limitations related to gathering the sample are pointed out, as well as suggestions for future studies.

This thesis contributes to the acknowledgement of the offer of teaching entrepreneurship in Higher Education by deeply analyzing the curriculum contents and courses associated to entrepreneurship both in private and public Portuguese institutions. It is proved that this phenomenon is knowledge not only related to business management but is a transversal process to different areas of science.

**Key words:** *Entrepreneurship; Curriculum; Training; Higher Education.*

## **Agradecimentos**

A realização desta dissertação só foi possível devido à contribuição de algumas pessoas, a quem dirijo os meus mais sinceros agradecimentos:

Professor Doutor António Caetano pelo bom acompanhamento e trabalho de orientação;

Dra. Susana Santos pela indispensável colaboração e dedicação;

Mestre Sílvia Costa pela ajuda e disponibilidade;

Família e amigos pelas palavras de apoio fundamentais.

## **Índice**

<b>1. Sumário Executivo</b>	7
<b>2. Introdução e Revisão de Literatura</b>	9
2.1. Definição e importância do empreendedorismo num contexto de mudança	9
2.2. Empreendedorismo: De conhecimento específico a conhecimento transversal	14
2.3. O Empreendedorismo académico e a universidade empreendedora	16
<b>3. Objectivo de Trabalho</b>	20
<b>4. Método</b>	20
<b>5. Resultados</b>	23
5.1. Análise descritiva dos cursos de empreendedorismo conducentes ou não a grau académico	23
5.2. Análise descritiva das unidades curriculares (UC) de Empreendedorismo (licenciaturas e mestrados)	28
5.3. Análise de Correspondências Múltiplas (ACM)	32
<b>6. Análise de três casos específicos de formação em empreendedorismo</b>	38
<b>7. Discussão Geral e Conclusão</b>	44
7.1. Limites, implicações práticas e investigações futuras	46
<b>8. Referências Bibliográficas</b>	49
<b>9. Anexos</b>	52
<u>Anexo I</u> – Quadro 1 - Número de unidades curriculares de empreendedorismo, nas instituições de ensino e respectivas unidades orgânicas.	52
<u>Anexo II</u> – Quadro 2 - Frequência absoluta de unidades curriculares em empreendedorismo, por áreas temáticas.	55
<u>Anexo III</u> – Quadro 3 - Informação complementar do resultado das entrevistas realizadas ( <i>Caso A, B e C</i> ).	57

### **Índice de quadros**

Quadro 1 – Algumas definições de empreendedor.	12
Quadro 2 – Operacionalização das variáveis em estudo.	21
Quadro 3 – Guião da entrevista.	22

Quadro 4 – Frequência absoluta de cursos de empreendedorismo nos diferentes tipos de ensino.	23
Quadro 5 – Frequência absoluta dos cursos de empreendedorismo, nas instituições de ensino e respectivas unidades orgânicas.	25
Quadro 6 – Frequência absoluta dos cursos de empreendedorismo, nas respectivas áreas temáticas.	26
Quadro 7 – Frequência absoluta dos cursos de empreendedorismo, por cada valor de <i>ECTS</i> .	27
Quadro 8 – Número de <i>ECTS</i> de cada curso de empreendedorismo e respectivos modos de avaliação.	28
Quadro 9 – Frequência absoluta de Unidades Curriculares em empreendedorismo, nos respectivos tipos de ensino.	29
Quadro 10 – Frequência absoluta de unidades curriculares em empreendedorismo, por cada valor de <i>ECTS</i> .	31
Quadro 11 – Número de UC de Empreendedorismo nas Licenciaturas, por cada ano curricular.	31
Quadro 12 – Contrastes da Dimensão <i>Instituições e Créditos</i> .	33
Quadro 13 – Contrastes da Dimensão <i>Contexto Geográfico e Académico</i> .	34
Quadro 14 – Contrastes da Dimensão <i>Contexto Académico</i>	36
Quadro 15 – Contrastes da Dimensão <i>Grau Académico e Créditos</i> .	37

### **Índice de gráficos**

Gráfico 1 - Frequência absoluta de cursos de empreendedorismo, nas respectivas <i>áreas temáticas</i> .	27
Gráfico 2 - Frequência absoluta de unidades curriculares em empreendedorismo, por <i>áreas temáticas</i> .	30

### **Índice de figuras**

Figura 1 – Gráfico de perfis da análise da formação de base (UC das licenciaturas e mestrados)	35
Figura 2 – Gráfico de perfis da formação especializada em empreendedorismo (cursos conferentes ou não de grau académico).	38

## **1 – Sumário Executivo**

As instituições de ensino superior contribuem para o desenvolvimento da região em que estão estabelecidas e da economia ao nível nacional. Por sua vez, os programas curriculares que estas instituições apresentam têm um papel fundamental para desenvolver as competências e conhecimentos que, depois de aplicados ao mercado de trabalho, irão gerar valor, riqueza e competitividade. O papel das universidades é qualificar o indivíduo através do grau que lhe é conferido, e dotá-lo de competências para fazer com que a sua entrada no mercado de trabalho seja bem sucedida. A aprendizagem decorre ao longo da vida do indivíduo. A capacidade de criatividade, flexibilidade e interesse traduz-se em ideias inovadoras que podem gerar oportunidades de negócio e que se desenvolvem com a prática e experiência nos vários domínios da vida do indivíduo (Hynes e Richardson, 2007; Starkey e Tempest, 2008).

Segundo Dolabela (2003), a pedagogia empreendedora é uma disciplina que define o empreendedor como alguém capaz de gerar novos conhecimentos a partir de uma dada plataforma, constituída por saberes acumulados na história da vida do indivíduo, e que são os chamados quatro pilares da educação – aprender a saber, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser – constantes do Relatório, para a Unesco, da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI.

Deste modo, é evidente a dependência do indivíduo da sua capacidade empreendedora para conseguir pôr em prática os seus saberes e atingir um objectivo. Neste sentido, surge a necessidade em apostar progressivamente mais em cursos de formação de empreendedorismo, que dotem os estudantes de competências básicas de empreendedorismo, alertando-os para a sua capacidade criativa, inovadora e de desenvolvimento de novos produtos / serviços, ou formas de organização.

Assim, o presente estudo desenvolve um levantamento sistemático: (a) das unidades curriculares de empreendedorismo, na formação de base do ensino superior em Portugal (licenciaturas e mestrados); e (b) dos cursos conferentes ou não de um grau académico na área do empreendedorismo, ou seja, na formação especializada do ensino superior em Portugal. Efectuou-se, ainda, uma análise complementar a estes dados através da realização de entrevistas a três responsáveis de cursos de empreendedorismo, em três regimes diferentes de ensino superior (universitário público, universitário privado e politécnico público).

A análise das unidades curriculares em empreendedorismo justifica-se pela importância de compreender as primeiras noções e conhecimentos que os alunos adquirem sobre o empreendedorismo, nos seus primeiros anos de formação académica. Por esta razão, o presente estudo inclui um levantamento das unidades curriculares em empreendedorismo existentes nas licenciaturas e mestrados em Portugal. Por outro lado, a formação em empreendedorismo também existe a um nível mais avançado, pelo que se procedeu a um levantamento dos cursos conferentes ou não de grau académico, em áreas especializadas de empreendedorismo.

Deste modo, a análise dos dados é apresentada em dois níveis de análise: da formação de base (unidades curriculares de empreendedorismo nas licenciaturas e mestrados); e da formação especializada em empreendedorismo (cursos conferentes ou não de grau académico).

É importante que os alunos encontrem no empreendedorismo uma alternativa ao seu percurso profissional. Esta alternativa é baseada numa mudança de paradigma no percurso tradicional de emprego por conta de outrem, para que os indivíduos, ao saírem da universidade, possam valor acrescentado para criar o seu próprio emprego e, conseqüentemente, consigam gerar novos postos de trabalho. A formação em empreendedorismo permite desenvolver competências de reconhecimento, inovação e gestão de oportunidades de negócio para que o indivíduo encontre no empreendedorismo uma oportunidade de emprego.

É bastante complexo conseguir-se incrementar uma cultura inovadora enquanto este paradigma não for mudado. O empreendedorismo representa, portanto, uma via para que seja possível mudar este cenário, pois é importante compreender que as decisões tomadas pelo empreendedor, podem e devem abranger cenários de mais-valia, económica e social para o próprio indivíduo e para o mercado de trabalho.

Para Dolabela (2003), quando o empreendedor assume riscos e cria postos de trabalho, não só está a permitir o desenvolvimento do ambiente económico como também está a assumir responsabilidades e a criar expectativas, que se vão traduzindo em sinais de evolução e continuidade. É fundamental uma pedagogia empreendedora, que permita que o empreendedor consiga e saiba conciliar da melhor forma, os interesses individuais com os interesses colectivos e, assim, permita um desenvolvimento sustentável, não só ao nível económico, como também social. Nas instituições de ensino superior, quer públicas, quer privadas, estes valores podem e devem ser transmitidos e aprendidos. As escolhas escolares poderão promover o



empreendedorismo não apenas porque as escolas actualmente o ensinam, mas porque os anos de formação dos estudantes estão cada vez mais envolvidos com o gosto pelo negócio e o ambiente empreendedor (Sobel e King, 2008).

Através da introdução do empreendedorismo nas estruturas curriculares dos cursos de ensino superior, verifica-se a importância de factores de mercado e ambientais, que determinam a natureza da resposta empreendedora.

Este conceito de empreendedorismo académico obtém maior sucesso quando as estratégias fazem sentido, isto é, devem considerar um objectivo claro e benéfico para a instituição e, sobretudo, para o aluno (futuro empreendedor). Assim, este conceito pode facilitar a conjugação dos objectivos académicos com os individuais, nomeadamente, no que diz respeito a algumas das preocupações relativas à saída do ensino superior: aplicar e utilizar conhecimentos que sejam produtivos e de utilidade para a sociedade.

## **2 – Introdução e Revisão de Literatura**

### ***2.1 - Definição e Importância do Empreendedorismo num Contexto de Mudança***

A definição de empreendedorismo que tem sido mais aceite pela comunidade científica, e que tem sido mais citada ao longo dos vários anos de investigação, foi desenvolvida por Shane e Venkataraman (2000). Segundo estes autores, o empreendedorismo é um “*processo de descoberta, avaliação e exploração de oportunidades; e um conjunto de indivíduos que as descobre, avalia e explora*” (p.218).

De acordo com Dolabela (2003), ser empreendedor não significa apenas criar novas propostas, inventar novos produtos e teorias, criar concepções de representação da realidade ou tecnologias sociais, mas sim mudar a realidade para conseguir realizar-se pessoalmente, de modo a contribuir positivamente para interesses individuais e colectivos.

Segundo Ferreira, Santos e Serra (2008), o empreendedor é motivado pela necessidade de atingir algo, de fazer, de realizar e de ser independente de outros, isto é, deve seguir-se por uma série de aspectos comportamentais que estão relacionados com a novidade, organização, criação, criatividade, riqueza e risco. Neste sentido, considera-se que o empreendedor de sucesso toma iniciativas para criar algo inovador e de valor para o próprio e para os que irão desfrutar da sua criação. Assim, o empreendedorismo é

definido sobretudo em termos de comportamentos e atitudes que os indivíduos demonstram.

O estudo do empreendedorismo tem sido enriquecido com diversos outros estudos, sobretudo na área da economia, gestão, sociologia e psicologia.

Reber (1995) defende que as abordagens psicológicas ao empreendedorismo procuram, sobretudo, traços de personalidade, comportamentos e atitudes, que justifiquem o sucesso do empreendedor. Mas é McClelland (1967) quem associa as *necessidades de realização* ao indivíduo empreendedor e ao desenvolvimento da economia, identificando três tipos de necessidades motivacionais (Sarkar, 2010):

- A necessidade de realização (*n-Achievement*) – A pessoa procura a realização e é motivada por esta. Necessita de *feedback* para se sentir realizada e a progredir;
- A necessidade de autoridade e poder (*n-Power*) – A pessoa é motivada pela autoridade, tendo necessidade de ser influente e provocar impacto. Sente necessidade de liderar e de sentir que as suas ideias são consideradas. Pretende o aumento do seu estatuto e prestígio;
- A necessidade de afiliação (*n-Affiliation*) – A pessoa tem necessidade de se sentir integrada e de ter relações de amizade e interacção com os outros. Precisa de sentir que gostam de si, tornando-se popular, e trabalha bem em equipa.

Para McClelland (1967), esta investigação demonstrou que os indivíduos com uma elevada necessidade de realização (*n-Achievement*) enfrentam bem as oportunidades com que se deparam como meios para serem sucedidas nos negócios.

Miner (2000), considera que o tipo de empreendedor *personal achiever*, que está relacionado com a necessidade *n-Achievement*, é facilmente formado e/ou ensinado através de modelos de educação que, por sua vez, mais facilmente aumentam os atributos dos empreendedores. Isto é, a formação destes indivíduos, com este tipo de necessidades, actua de forma mais simples e adaptada, e consegue mais facilmente obter resultados de sucesso no que diz respeito ao ensino e exploração de determinados atributos e competências de origem empreendedora.

Joseph Schumpeter, em 1934, atribuiu à *inovação*, o papel principal para o empreendedor. Segundo este autor, é o empreendedor que traz inovação, ao instituir novas combinações de factores de produção, fazendo assim, com que o desenvolvimento económico esteja sujeito a novas dinâmicas. O aparecimento da

inovação, ou de novas dinâmicas, como o próprio diz, pode surgir de diversas formas: (1) introdução de um novo produto no mercado; (2) utilização de novos métodos de produção; (3) abertura de novos mercados; (4) descoberta de novas fontes de oferta de materiais; (5) criação de novas empresas.

Schumpeter (1934), salienta, ainda, a diferença que existe entre os conceitos *inventor* e *inovador*. O primeiro é alguém que descobre novos métodos e novos materiais, enquanto o segundo se aproveita de invenções e descobertas inovadoras para criar novas combinações de produção. Schumpeter (1934), tal como Drucker (1986), associam o empreendedorismo à inovação, de modo que, para estes autores, a criação de uma nova empresa só é considerada empreendedorismo se efectivamente se verificar o factor inovador e de risco, bem como, a criação de uma nova necessidade e novos consumidores (Sarkar, 2010).

Neste sentido, factores como a criatividade e a imaginação, são cruciais para a criação ou alteração de um mercado já existente, bem como para a capacidade de saber adaptar a empresa ou organização, ao mercado. Isto é, deve conseguir-se adaptar comportamentos e atitudes empresariais em função da sua adequação ao mercado e, por sua vez, moldar-se de forma a chegar ao sucesso. O espírito empreendedor ou empresarial não se aplica apenas em grandes empresas e investimentos, como pode surgir em qualquer área de actividade (Sarkar, 2010).

Num estudo elaborado por Dominginhos, Sardinha, Carvalho, Ramalho e Pereira (2005), sobre o empreendedorismo nos cursos de Gestão, em universidades públicas, a definição de empreendedorismo surge associada a uma necessidade de resiliência, na medida em que se caracteriza pela procura de cenários que possibilitem maior retorno, bem como à capacidade de encontrar alternativas ao desemprego, “*O empreendedorismo corresponde a uma situação onde o indivíduo acredita que uma oportunidade pode garantir lucros maiores do que outra ocupação, ou numa situação de desemprego, quando essa necessidade se torna num factor condutor para a solução do problema*” (p.2).

Embora as definições sejam controversas, a investigação tem demonstrado que o empreendedor é alguém que trabalha para a colectividade, isto é, em função desta. Assim, o empreendedor está muitas vezes associado ao papel de líder. Deste modo, compreendem-se as semelhanças com as definições que existem de empreendedor como sendo alguém que assume o papel de liderança de uma organização e que

simultaneamente está responsável por colaboradores, e que, tendo consciência dos riscos, gere e dá seguimento à sua empresa em função da obtenção de lucro.

No quadro 1 apresentam-se algumas das principais definições de empreendedor (Ferreira, Santos e Serra, 2008):

Quadro 1 – Algumas definições de empreendedor.

	<b>Definições</b>
<b>Francis A. Walker, 1876</b>	São os principais agentes promotores do processo de produção industrial.
<b>Joseph Schumpeter, 1934</b>	É aquele que consegue fazer coisas inovadoras.
<b>Peter Drucker, 1964</b>	"Maximização de oportunidades" é a definição do trabalho empreendedor. Implica que a eficácia, mais do que a eficiência, seja fundamental no negócio. O empreendedor não é aquele que faz as coisas bem, é aquele que descobre as formas certas de as fazer, concentrando-se em todos os recursos e esforços para tal.
<b>Albert Shapero, 1975</b>	Ser empreendedor é um tipo de comportamento que inclui: 1) tomar iniciativa; 2) organização ou reorganização de mecanismos sociais/económicos em função da transformação de recursos que expliquem a prática; 3) aceitação de risco do fracasso. Contudo, o recurso mais importante utilizado pelo empreendedor é ele mesmo.

Shane e Venkataraman (2000) ao abordarem a definição de empreendedorismo e de empreendedor, defendem que algumas pessoas têm mais aptidão para a identificação, avaliação e criação de novas oportunidades, ainda que este tipo de comportamento não seja estático, depende das situações.

A *globalização* é um aspecto fundamental do empreendedorismo pois cada vez mais existe uma exigência de adaptação a cenários diferentes em que a mudança é progressivamente mais efémera e radical. Este fenómeno, ligado ao mundo empresarial e de negócios, pode alterar as formas de pensar e de agir. Na actual época de globalização, as escolas preocupam-se em preparar os seus alunos para o mundo de competitividade e de riscos que os espera. Estes riscos devem-se em muito à liberalização do ambiente empresarial em si, e à desregulamentação dos mercados. Para competir nos mercados actuais e ser-se bem sucedido, as empresas têm de conseguir saber acompanhar esta competitividade que cada vez mais atinge parâmetros globais. Têm de ser elas próprias competitivas e agir em função disso, mesmo que não compitam directamente com mercados internacionais. Actualmente, as empresas não precisam de competir com mercados estrangeiros para terem de ser competitivas (Etemad e Wright, 2003).

Neste sentido, no seio das universidades, o empreendedorismo tem vindo a assumir grande relevância tendo em vista preparar os alunos para as novas condições de trabalho.

Tal como as universidades, também as empresas procuram adaptar-se a estas alterações, mas muitas não conseguem operar neste novo ambiente competitivo e fracassam pela sua incapacidade de aproveitar as oportunidades, ou fazer face às ameaças. Contudo, este ambiente é favorável às empresas empreendedoras, pois estas encontram nos climas de mudança, condições propícias à sua existência e expansão (Ferreira et al, 2008). Deste modo, as empresas empreendedoras modernizam o tecido empresarial, uma vez que, à medida que as empresas antigas vão abandonando o mercado, novas empresas vão entrando. Deve ser este o cenário do empreendedor, o de explorar novos mercados e novas oportunidades de negócio. Estas oportunidades precisam de ser identificadas pelo empreendedor como oportunidades futuras. Desenvolve-se assim a *cultura empreendedora*, passando esta por estimular comportamentos favoráveis à inovação e ao desenvolvimento de processos de modernização que promovem uma evolução tecnológica e uma oferta diversificada e de maior qualidade de bens e serviços.

Portugal tem na dinâmica empresarial uma problemática que está cada vez mais no centro das suas políticas. São necessárias empresas novas e com sucesso, de modo a serem aproveitados os benefícios da abertura de mercado. É, por outro lado, necessário que os empresários sejam capazes de assumir riscos associados à inovação, para conseguirem chegar ao sucesso.

O modelo de trabalho das empresas depende da organização que é feita do próprio trabalho, que aposta cada vez mais na complexidade. Esta complexidade é referida no sentido do apelo à criatividade e inovação, que deve ser aliado de um ambiente de trabalho flexível. Cabe ao empreendedor saber acompanhar este tipo de organização do trabalho, aplicando e desenvolvendo, continuamente, a sua capacidade de adaptação a ambientes complexos e novos. Perante este ambiente, o empreendedor tem de saber dar, simultaneamente, respostas rápidas e eficientes, em termos de maximização dos efeitos e diminuição dos custos (Bucha, 2009).

Outro dos factores que em muito contribui na decisão de se tornar empreendedor passa pela *motivação*, intrínseca ou extrínseca, que afecta o estatuto ocupacional (Ferrante e Sabatini, 2007). A motivação determina a capacidade de iniciativa para se

tornar empreendedor e fazer corresponder as suas funções às suas motivações enquanto profissional.

O talento para o empreendedorismo está, na maioria dos casos, relacionado com a variável *capital humano* (Ferrante e Sabatini, 2007), envolvendo diversos outros conceitos como experiência de trabalho anterior, as qualificações académicas, o *background* familiar e a aversão ao risco.

Neste contexto, e uma vez que o *capital humano* pressupõe os recursos humanos e os conhecimentos que se dedicam ao mundo empresarial, permitindo o seu desenvolvimento, é bastante importante que não se encare o empreendedorismo apenas como um negócio, mas sim como um conhecimento transversal, útil e indispensável ao desenvolvimento pessoal dos trabalhadores e social das organizações.

## **2.2 - Empreendedorismo: De conhecimento específico a conhecimento transversal**

O conceito de empreendedorismo passou a integrar o campo de diversas áreas disciplinares, deixando de ser um exclusivo da gestão e da tecnologia. É importante não deixar de referir que o empreendedorismo também pode ser visto de várias formas. A área económica associa o empreendedorismo à inovação, enquanto que a área comportamental concentra-se nas características criativas e intuitivas dos empreendedores (Bucha, 2009).

Nos dias de hoje, é claramente assumido que a estimulação do empreendedorismo no mundo académico é um dos factores principais para o desenvolvimento económico (Shane, 2004). Surge também associado ao facto de ser uma forma de combate ao desemprego, pois cada vez mais se criam fundos que apoiam jovens estudantes para a criação de novas oportunidades de negócio, de modo a que haja maior espírito de iniciativa e, evidentemente, mais e melhores empreendedores.

Assim, as universidades têm vindo a apostar progressivamente em mais cursos de formação em empreendedorismo, que dotem os estudantes das competências básicas necessárias, alertando-os para a sua capacidade criativa, inovadora e de desenvolvimento de novos produtos e serviços ou formas de organização.

Alguns autores sugerem que o pensamento de empreendedor deve ser impregnado desde cedo, até mesmo desde crianças, pois com esta introdução ao nível

do sistema escolar, não só altera o modo de pensar em soluções nas situações mais críticas, como se produzem futuros empreendedores (Lipper, 1987). Mas, é na universidade que se pensa mais no mercado de trabalho e, por isso, a aprendizagem e desenvolvimento de competências empreendedoras torna-se mais relevante.

Diversas razões tornaram o ensino do empreendedorismo importante, tendo a sua história começado a ser desenvolvida a partir de 1970, havendo três factores determinantes para esse facto. Primeiro, começou-se a verificar que as pequenas empresas e pequenos negócios, em vez das grandes instituições e empresas, começavam a criar postos de trabalho; segundo, devido ao facto de o empreendedorismo ser muito mais um recurso e um factor educativo do que biológico; e, por último, porque o crescimento do número de pequenas empresas e de atitudes empreendedoras nas organizações representaram a existência de raízes culturais muito maiores e mais fortes, ao contrário do que se pensava anteriormente (Drucker, 1986).

Dada esta relevância do ensino do empreendedorismo, o presente estudo visa efectuar um mapeamento da oferta formativa que existe actualmente no ensino superior em Portugal.

As universidades são locais privilegiados para o empreendedorismo, pois por serem criadores de novo conhecimento, são ideais para o desenvolvimento de novas ideias de negócio.

No estudo elaborado por Domiguinhos et al (2005), são reportados os resultados do GEM (*Global Entrepreneurship Monitor*), que indicam que Portugal, entre 34 países, é dos que apresenta menores números quanto ao total de actividades empreendedoras, tendo uma média de 9,3%. Este facto é explicado pelos autores como resultado de factores como o ambiente económico e a falta de encorajamento para a criatividade e inovação.

Assim, da mesma forma que as universidades devem estimular e transmitir a importância do empreendedorismo aos alunos, é também através deles que se verifica o sucesso, ou não, desse ensino. O processo empreendedor aprendido é reflectido e comprovado através de comportamentos e atitudes, e são estas que se vão basear naquilo que é a actividade empreendedora; ou seja, a criação de novos negócios ou novas empresas, deve-se à atitude empreendedora de um indivíduo, atitude essa que pode ser aprendida numa instituição de ensino superior.

Contudo, em Portugal, apenas recentemente se começou a ver o empreendedorismo inserido nas estruturas curriculares do ensino superior. Nos últimos

anos, todas as áreas do saber começaram a interessar-se por esta disciplina, muito porque esta começava a destacar-se nos países estrangeiros. Cada vez mais, alunos e estudantes adquirem mais competências ao nível da cooperação, da capacidade de criar novas empresas, através de novos produtos e métodos de trabalho e da capacidade de assumir diversos papéis. A formação em empreendedorismo permite que os alunos aprendam a demonstrar iniciativa pessoal, uma atitude pró-activa e de criatividade, bem como estar preparados para enfrentar riscos inerentes à implementação de novas ideias (Bucha, 2009).

Um programa curricular poderá influenciar os antecedentes da intenção de ser empreendedor. Krueger e Carsrud (2000), baseando-se na teoria do comportamento planeado, evidenciam que, por exemplo, o controlo ou a auto-eficácia percebida para comportamentos empreendedores, são influenciados pela aquisição de ferramentas de gestão e pela exposição a situações “empreendedoras”.

Na opinião de Fayolle, Gailly e Lassas-Clerc (2006), essa intenção de ser empreendedor depende de diversas variáveis, nomeadamente, das preferências para a carreira, dos valores, da imagem do empreendedorismo, de situações individuais e educacionais.

### ***2.3 - O Empreendedorismo Académico e a Universidade Empreendedora***

Segundo Louis et al (1989), o empreendedorismo académico passa pela tentativa de aumentar o lucro individual ou institucional, influência ou prestígio através de desenvolvimento de investigação ou de produtos com base em investigação. Tradicionalmente, verifica-se que as universidades se preocupam mais em ensinar os alunos relativamente à forma como devem pensar, do que propriamente à forma como devem fazer render o seu trabalho.

Sarkar (2010) refere que o empreendedorismo enquanto área de investigação é algo relativamente recente em Portugal, sendo que apenas começou a emergir por volta do início deste século. A nível internacional, os primeiros cursos de empreendedorismo terão surgido na Universidade de Harvard, em 1947.

O ensino do empreendedorismo pode contribuir para abrir múltiplas perspectivas de actividade profissional aos estudantes, dada a saliência da inovação e da criatividade, ao mesmo tempo que permite o desenvolvimento de competências técnicas necessárias,



relacionadas com a criação de negócios e empresas, para que os alunos consigam singrar numa carreira empreendedora. Para além disso, os docentes e os promotores universitários do empreendedorismo podem contribuir com o seu auxílio para com as agências e instituições responsáveis por fazer o melhor uso dos recursos que têm, em função dos projectos empreendedores que os próprios alunos se propõem realizar.

Os cursos de empreendedorismo são importantes para que as competências empreendedoras sejam transmitidas adequadamente e na altura certa, ao nível da inovação, financiamento, controlo, identificação, exploração de oportunidades de negócio e recursos, entre outras.

A formação é importante para ensinar a gerir as complicações e problemas que os empreendedores enfrentam, e também para adquirirem informação específica e útil à actividade da empresa, ao nível técnico. Como refere Ferreira et al (2008), não é necessário o grau de ensino superior para se criar uma empresa, mas todos os empreendedores vão precisar de conhecimentos nas áreas da gestão, finanças, estratégia, marketing, liderança e comunicação, e se houver profissionais especializados a ensiná-lo, tanto melhor. É, portanto, possível que as universidades e os docentes consigam estimular os alunos para o empreendedorismo e, conseqüentemente, para o aparecimento de novos empreendedores.

O desafio do ensino nesta área passa por preparar os alunos para as exigências que o começo de um negócio ou de uma empresa exige, e, na medida do possível, por lhes proporcionar experiências de iniciativas empreendedoras.

Ainda que o empreendedorismo possa estar muito ligado à gestão, é através deste estudo que se verifica que cada vez mais isso deixa de ser um facto inquestionável. Apesar de o empreendedorismo ainda estar um pouco longe da maturidade necessária ao seu sucesso garantido, o objectivo principal da sua presença nos programas curriculares dos cursos do ensino superior passa por demonstrar que este tipo de ensino, ou melhor, o ensino desta matéria, pode ser diferente do ensino habitual, o ensino ligado à gestão, apenas ligado às questões inerentes ao negócio. O que difere é precisamente o desafio de mudar mentalidades, tal como Trigo (2005) defendeu no “Seminário Económico” de 5 de Agosto. O ensino do empreendedorismo não se confunde com o ensino de técnicas de gestão (embora não as dispense), na medida em que visa promover uma cultura e mentalidade diferentes em termos de criatividade, abertura de espírito, predisposição em assumir riscos e auto-confiança.

Num estudo realizado sobre a Alemanha, estima-se que cerca de 7600 empresas criadas por académicos, nos quais a transferência de conhecimentos assume um papel fundamental, são iniciadas em cada ano, sendo que no período de 1996-2002, dessas 7600, cerca de 200-300 *spin-offs* surgiram em sectores de alta tecnologia (Sarkar, 2010).

Assim, para além de produzir (e reproduzir) conhecimento, a universidade desempenha um papel crucial no desenvolvimento de inovação, criatividade e crescimento económico e, portanto, é um meio fundamental na aposta do empreendedorismo e daquilo que o seu ensino provoca no país. Neste sentido, o empreendedorismo começa a ser uma estratégia seguida por inúmeros países no que diz respeito à aproximação das instituições de ensino superior (aluno) ao mundo do trabalho (Redford, 2008).

Enquanto as instituições de ensino superior, normalmente, preparam os alunos para o mundo do trabalho, o empreendedorismo académico permite que o aluno se sinta apoiado, com bases e eventualmente experiência, que lhe facilitam a criação e exploração de novos negócios e empresas. Criam-se novos empreendedores com uma capacidade de iniciativa em muito favorável à sociedade.

Segundo Charney e Libecap (2000), os alunos que estejam inscritos em programas curriculares de empreendedorismo, revelam as seguintes características:

- Estão mais predispostos a começar um novo negócio;
- Estão mais predispostos a auto-empregarem-se;
- Estão menos predispostos a trabalhar para o Estado;
- Têm a possibilidade de obter mais 27% de rendimentos anuais e de se apropriarem de 62% de activos;
- Em grandes empresas, ganham mais de 23.000 dólares por ano, acima dos seus pares;
- Tendem a estar mais satisfeitos, em média, nos seus empregos do que os MBA;
- Aumentam drasticamente as vendas de crescimento das pequenas empresas (até 90%);
- Trabalham, em maior número, em empresas de alta tecnologia;

- Estão mais envolvidos no desenvolvimento de novos produtos e actividades de I&D.

Num mundo globalmente competitivo, e em constante mudança, é importante a existência de condições necessárias nas universidades, que permitam aos alunos a sua participação no crescimento, económico e social, do país. Como revelaram Charney e Libecap (2000), os alunos que passam por um programa de empreendedorismo, ficam melhor preparados para assumir essa responsabilidade e para enfrentar a efemeridade e radicalização das mudanças a que o mundo está sujeito.

O empreendedorismo académico procura proporcionar aos alunos ferramentas que lhes irão ser essenciais na criação do seu negócio, nomeadamente, as competências e o conhecimento necessário acerca da oportunidade de negócio que pretendem explorar, e assim terem as condições necessárias para poderem prosseguir e progredir. De entre os aspectos importantes para o empreendedorismo académico, Redford (2008) salienta os seguintes: como criar um negócio e encontrar capital; a propriedade intelectual e a protecção das ideias de negócio; a tolerância na incerteza que está associada às novas empresas; e, os desafios que estão associados em cada passo do desenvolvimento de uma empresa. A pedagogia associada ao ensino do empreendedorismo tem de ser ajustada às necessidades dos estudantes.

Segundo Redford (2008), as estratégias pedagógicas mais comuns passam pela elaboração de planos de negócio, discussões abertas nas salas de aula, estudos de caso, projectos de pesquisa e testemunhos de empreendedores que tenham criado o seu próprio negócio. Podem também utilizar-se práticas de simulação, que envolvem a idealização de soluções de problemas concretos.

Em Portugal, muitas instituições do ensino superior têm vindo desde há algum tempo a realizar cursos de empreendedorismo, no entanto, não existe nenhum levantamento sistemático. O objectivo deste estudo consiste precisamente em realizar o mapeamento desses cursos.

### **3 - Objectivo de trabalho**

O objectivo deste trabalho é elaborar um levantamento sistemático da oferta formativa em empreendedorismo que existe, actualmente, no ensino superior em Portugal, desde as unidades curriculares, aos cursos específicos.

Assim, no presente estudo faz-se uma análise: (a) das unidades curriculares de empreendedorismo, na formação de base (licenciaturas e mestrados); e (b) dos cursos conferentes ou não de um grau académico na área do empreendedorismo (formação especializada), no ensino superior em Portugal. Efectuou-se ainda uma análise complementar a estes dados através da realização de entrevistas a três responsáveis de cursos de formação avançada em empreendedorismo, em três regimes diferentes de ensino superior: universitário público, universitário privado e politécnico público.

### **4 - Método**

#### Amostra

A amostra contemplada neste estudo é constituída por todas as universidades e institutos politécnicos portugueses, quer do ensino público, quer privado. Foi feita uma recolha nas páginas *Web* das instituições para fazer o levantamento das unidades curriculares e cursos de formação avançada em empreendedorismo.

Para além disso, participaram ainda três coordenadores de cursos em empreendedorismo: do Instituto Superior Técnico, do Instituto Superior de Gestão e do Instituto Politécnico de Portalegre.

#### Procedimento

A pesquisa e recolha dos cursos de empreendedorismo e planos de estudo, que incluam unidades curriculares de empreendedorismo, foi realizada com base na informação constante das páginas *Web* de todas as universidades e politécnicos de Portugal.

Esta recolha foi realizada em Agosto/Setembro de 2010 e identificaram-se todas as unidades curriculares em empreendedorismo disponíveis para o ano lectivo de 2010/2011, e de todos os cursos que conferem ou não grau na formação avançada em empreendedorismo, também para o ano de 2010/2011. Efectuou-se ainda uma análise de conteúdo à denominação dos cursos e unidades curriculares, por áreas temáticas.

Realizaram-se três entrevistas individuais a três responsáveis de cursos em empreendedorismo, que correspondem a três casos de análise. Estes dados

demonstraram-se enriquecedores para o estudo, sobretudo, devido ao facto de serem ilustrativos de três tipos de instituições, estando englobados assim, o ensino universitário público, o ensino universitário privado e o ensino politécnico público.

As entrevistas foram transcritas após a sua gravação, o que possibilitou a sua análise de conteúdo através da elaboração de uma tabela, onde se destacavam os temas do guião da entrevista, juntamente com as respostas de cada entrevistado. Este método de análise permitiu maior facilidade na compreensão das perspectivas de cada um dos entrevistados.

*Instrumentos:*

- Grelha de análise da formação em empreendedorismo no ensino superior

Foi desenvolvida uma grelha de observação para utilizar na análise dos *sites* com as seguintes variáveis:

Quadro 2 – Operacionalização das variáveis em estudo.

<b>Variável</b>	<b>Operacionalização</b>
Tipo de Instituição	Regime de ensino: - Universitário público; - Universitário privado; - Politécnico público; - Politécnico privado.
Instituição e Unidade Orgânica	Nome das universidades, faculdades e institutos politécnicos analisados.
ECTS	Número de créditos associados a cada unidade curricular e curso. Para a análise das UC em empreendedorismo foram criadas cinco categorias de ECTS, sendo a primeira de [1;5,5]; [6;10]; [11;15]; e [16;20]. Para a análise dos cursos em empreendedorismo foram utilizados os valores absolutos de ECTS.
Região	Região do país onde se encontram unidades curriculares e/ou cursos em empreendedorismo.
Áreas Temáticas	Denominação das unidades curriculares e cursos.
Grau Académico	Grau académico atribuído por cada curso em empreendedorismo.
Unidades curriculares em Empreendedorismo	Número de unidades curriculares em empreendedorismo.
Cursos conferentes ou não de grau académico em empreendedorismo	Número de cursos conferentes ou não de grau em empreendedorismo.
Método de avaliação do curso	Modo de avaliação final dos cursos em empreendedorismo: - Projecto, Estágio ou Dissertação; - Projecto ou Dissertação; - Dissertação; - Dissertação ou Trabalho Científico; - Projecto ou Estágio; - Projecto.
Optativas	Unidades curriculares em empreendedorismo que não são obrigatórias no plano curricular.
Ano Curricular	Ano, no plano curricular, em que surge a unidade curricular em empreendedorismo.

Guião da Entrevista

Para a realização das entrevistas foi elaborado um guião que representa um instrumento para a recolha de informações qualitativas, que serve de base à realização de uma entrevista propriamente dita e foi constituído por um conjunto de questões abertas. A entrevista assumiu o modelo de entrevista semi-estruturada, sendo que foram determinados previamente os temas que se queriam abordar, de acordo com a relevância teórica que apresentam.

Os objectivos gerais da entrevista são:

- Analisar o ponto de situação do Empreendedorismo em Portugal, através do testemunho do coordenador;
- Compreender os objectivos do programa do curso;
- Analisar em que medida as expectativas dos alunos são correspondidas;
- Verificar a taxa de sucesso do curso.

Para tal, foram escolhidos cinco temas para o guião da entrevista, cujos objectivos e questões se apresentam no quadro 3:

Quadro 3 – Guião da entrevista.

<b>Temas</b>	<b>Objectivos Específicos</b>	<b>Questões</b>
Tema 1- Identificação do/a entrevistado/a	Identificar os dados pessoais e profissionais do/a entrevistado/a	Há quanto tempo exerce esta função? Qual é o seu percurso profissional?
	Compreender as funções que o/a entrevistado/a desempenha como coordenador/a	Quais as funções que desempenha enquanto coordenador/a?
Tema 2- Empreendedorismo em Portugal	Analisar a opinião do/a entrevistado/a quanto ao ponto de situação do empreendedorismo em Portugal	Qual a visão que tem dos cursos de empreendedorismo em Portugal? Tendo em conta o mercado em Portugal, como avalia a quantidade de oportunidades de negócio? Que relação lhe parece que deve haver entre universidade e empreendedorismo?
	Verificar a opinião do/a entrevistado/a quanto à importância dos cursos de empreendedorismo	Porque é que é importante haver cursos de empreendedorismo? Que recursos lhe parece que existem em Portugal, para o bom desenvolvimento do empreendedorismo?
Tema 3- Programa do curso	Compreender em que medida o programa do curso está ajustado ao desenvolvimento do empreendedorismo	Como é que o programa do curso, , tem assegurado o eficaz desenvolvimento de competências empreendedoras por parte dos alunos?
	Analisar os principais objectivos do programa	Quais os principais objectivos do programa?
	Identificar e analisar o perfil dos alunos	Qual a formação anterior dos alunos? Quais as principais motivações dos alunos para frequentar o curso?
Tema 4- Taxa de sucesso do curso	Verificar qual a taxa de sucesso do curso, consoante o seu <i>output</i> e concretização	Geralmente, os alunos conseguem desenvolver ideias inovadoras no final do curso? - Que tipo de ideias? Qual é normalmente o <i>output</i> do curso? Os alunos criam produtos inovadores para empresas já existentes?
	Analisar o número de edições do curso, bem como o número de alunos	Quantas edições já foram realizadas? - Quantos alunos já tiveram?
Tema 5- Pós-curso	Verificar se existem iniciativas de apoio ao empreendedorismo	Existem algumas iniciativas paralelas ao curso, em relação às que fazem parte do programa? (conferências,...)
	Analisar a existência, ou não, de <i>Follow-up</i> dos alunos que criam as empresas	Que relação existe entre o curso/universidade e os alunos do curso que criam empresas? Dão algum tipo de apoio? Existe algum tipo de acompanhamento que é feito depois aos alunos (e aos seus produtos que desenvolveram) depois de o curso terminar?

A entrevista semi-estruturada, tal como já foi referido, foi o tipo de entrevista escolhido, pois também é aquele que permite maior versatilidade e flexibilidade. Embora obedeça ao planeamento do guião, este tipo de entrevista permite ir formulando novas questões e adaptando aquelas que foram idealizadas previamente, possibilitando a alteração da ordem prevista no guião, mas indo sempre ao encontro da linha de investigação que se pretende.

### Análise de Dados

Os dados recolhidos através da grelha de análise em empreendedorismo no ensino superior foram analisados no programa SPSS. Foi realizada uma análise descritiva dos dados e uma Análise de Correspondências Múltiplas (ACM), que pretende estudar a relação de variáveis qualitativas nominais através da criação de dimensões.

A informação recolhida nas entrevistas foi submetida a uma análise de conteúdo, com categorias definidas a priori, de acordo com o guião.

## **5 - RESULTADOS**

### **5.1 - Análise descritiva dos cursos de empreendedorismo conducentes ou não a grau académico (formação especializada)**

Em Portugal, existem 27 cursos conducentes ou não a grau académico. Os cursos de empreendedorismo que conferem, ou não, grau no ensino superior são maioritariamente Mestrados (78%), sendo que só existe um Doutoramento e quatro Pós Graduações. O Ensino Universitário Público oferece 41% destes cursos, e 26% estão disponíveis no Ensino Politécnico Público. O Ensino Universitário Privado representa 33%. No caso do Ensino Politécnico Privado, este não oferece qualquer curso (quadro 4).

Quadro 4 – Frequência absoluta de cursos de empreendedorismo nos diferentes tipos de ensino.

<b>Curso</b>				
<b>Tipo de Instituição</b>	Doutoramento	Mestrado	Pós-graduação	<b>Total</b>
Ensino Universitário Público	1	9	1	
Ensino Universitário Privado	0	8	1	
Ensino Politécnico Público	0	4	2+1*	
Ensino Politécnico Privado	0	0	0	
<b>Total</b>	1	21	5	<b>27</b>

\*MBA

Ao nível das instituições de ensino, foi elaborada uma análise por universidades e evidenciou-se que a Universidade do Porto, a Universidade da Beira Interior, o ISCTE-IUL, a Universidade de Coimbra, o Instituto Politécnico do Porto e o Instituto Superior de Gestão, apresentam dois cursos de oferta na área do empreendedorismo. No caso do ISCTE-IUL, do Instituto Politécnico do Porto e do Instituto Superior de Gestão, é oferecido um mestrado e uma pós-graduação. A Universidade do Algarve, Universidade do Minho, e os Institutos Politécnicos de Viana do Castelo, de Lisboa, de Santarém, de Tomar, da Guarda, de Portalegre e de Setúbal apresentam apenas um mestrado nesta área.

No Ensino Privado existe um curso de mestrado no Instituto Superior de Ciências da Saúde – Norte, no Instituto Superior de Línguas e Administração de Lisboa e na Universidade Lusíada. Relativamente à Escola Superior de Hotelaria e de Turismo do Estoril, esta oferece uma pós-graduação. O Instituto Superior Técnico (Universidade Técnica de Lisboa) destaca-se pelo facto de ser a única unidade orgânica nesta área a oferecer um doutoramento em empreendedorismo (quadro 5). Diferencia-se, assim, da Universidade Fernando Pessoa. Através das Unidades Orgânicas que coordenam os cursos, constata-se que é maioritariamente nas faculdades/escolas na área da Gestão, que existe uma maior frequência de mestrados em empreendedorismo.



## A Formação Superior em Empreendedorismo

Quadro 5 – Frequência absoluta dos cursos de empreendedorismo, nas instituições de ensino e respectivas unidades orgânicas.

Instituição	Unidade Orgânica	Doutoramento	Mestrado	Pós-graduação	Total
ISCTE-IUL	ISCTE	0	1	1	2
Universidade do Algarve	Faculdade de Economia	0	1	0	1
Universidade da Beira Interior	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas	0	2	0	2
Universidade de Coimbra	Faculdade de Economia	0	1	0	2
	Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação	0	1	0	
Universidade do Minho	Escola de Ciências	0	1	0	1
Universidade do Porto	Faculdade de Economia	0	1	0	2
	Faculdade de Engenharia	0	1	0	
Universidade Técnica de Lisboa	Instituto Superior Técnico	1	0	0	1
Instituto Politécnico da Guarda	Escola Superior de Tecnologia e Gestão	0	1	0	1
Instituto Politécnico de Lisboa	Instituto Superior de Contabilidade e Administração	0	1	0	1
Instituto Politécnico de Portalegre	Escola Superior de Tecnologia e Gestão	0	1	0	1
Instituto Politécnico do Porto	Instituto Superior de Contabilidade e Administração	0	1	1	2
Instituto Politécnico de Santarém	Escola Superior de Gestão e Tecnologia	0	1	0	1
Instituto Politécnico de Setúbal	Escola Superior de Ciências Empresariais	0	1	0	1
Instituto Politécnico de Tomar	Escola Superior de Gestão	0	1	0	1
Instituto Politécnico de Viana do Castelo	Escola Superior de Tecnologia e Gestão	0	1	0	1
Escola Superior de Hotelaria e de Turismo do Estoril	-	0	0	1	1
Instituto Superior de Ciências da Saúde - Norte	-	0	1	0	1
Instituto Superior de Gestão	Escola de Gestão	0	1	1	2
Instituto Superior de Línguas e Administração de Lisboa	-	0	1	0	1
Universidade Fernanda Pessoa	-	0	0	1*	1
Universidade Lusíada	Faculdade de Ciências da Economia e da Empresa	0	1	0	1
<b>Total</b>		1	21	5	<b>27</b>

\*MBA

De seguida, é apresentado um quadro (6) que mostra a divisão do total de cursos de empreendedorismo (n=27), pelas diversas áreas temáticas criadas com base na análise de conteúdo dos nomes dos cursos de empreendedorismo. Foram criadas cinco categorias:

- (1) *empreendedorismo e tecnologia;*
- (2) *empreendedorismo e gestão;*
- (3) *empreendedorismo, economia e inovação, e internacionalização;*
- (4) *empreendedorismo em geral;*
- (5) *empreendedorismo e ciências sociais.*

As áreas temáticas que apresentam maior frequência de cursos são *empreendedorismo, economia e inovação, e internacionalização*, tal como a categoria de *empreendedorismo e gestão*, com 7 cursos cada (52%). Seguidamente, surgem as

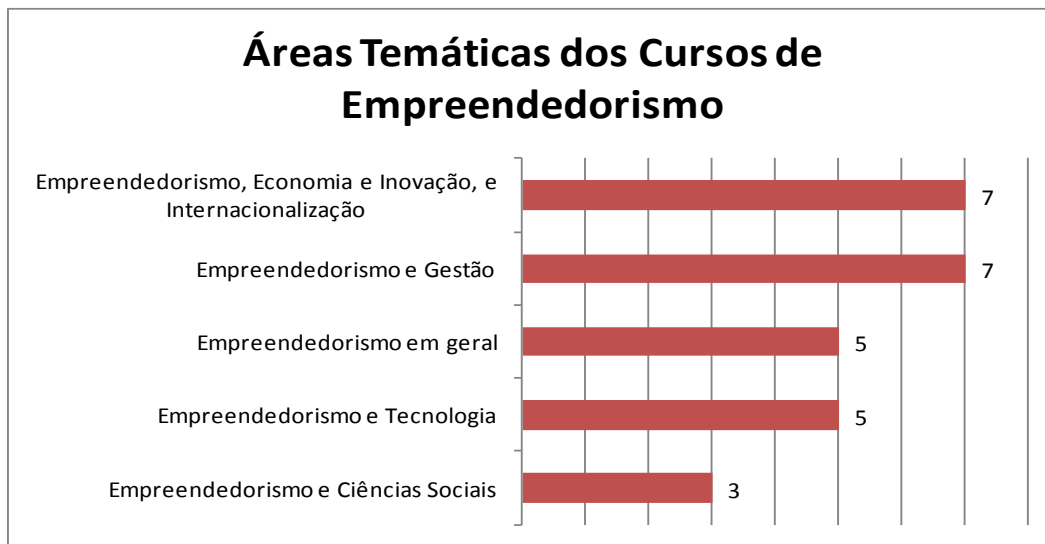
categorias *empreendedorismo em geral e empreendedorismo e tecnologia*, com 5 (37%), e por fim, *empreendedorismo e ciências sociais*, com 3 cursos (11%).

Quadro 6 – Frequência absoluta dos cursos de empreendedorismo, nas respectivas áreas temáticas.

<b>Área Temática</b>	<b>Cursos (Confere grau)</b>	<b>Frequência absoluta</b>
(1) Empreendedorismo, Economia e Inovação, e Internacionalização	Empreendedorismo e Inovação na Indústria Alimentar	1
	Empreendedorismo e Gestão da Inovação	1
	Economia da Inovação e Empreendedorismo	1
	Empreendedorismo e Internacionalização	1
	Empreendedorismo e Internacionalização	1
	Inovação e Desenvolvimento Empreendedor	1
	Inovação e Empreendedorismo no Turismo	1
(2) Empreendedorismo e Gestão	Empreendedorismo e Gestão de Start-ups	1
	Mestrado em Empreendedorismo e Gestão de PME	1
	Gestão dos Mercados da Arte - Empreendedorismo em Cultura	1
	Gestão e Empreendedorismo	1
	Gestão: Empreendedorismo e Inovação	1
	Gestão: Especialização em Empreendedorismo e Inovação	1
	Gestão e Empreendedorismo Cultural e Criativo	1
(3) Empreendedorismo em Geral	Empreendedorismo	3
	Empreendedorismo e Criação de Empresas	1
	Empreendedorismo	1
(4) Empreendedorismo e Tecnologia	Inovação e Empreendedorismo Tecnológico	2
	Mudança Tecnológica e Empreendedorismo	1
	Bioempreendedorismo	1
	Biotecnologia e Bio-empendedorismo em Plantas Aromáticas e Medicinais	1
(5) Empreendedorismo e Ciências Sociais	Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo	2
	Empreendedorismo e Serviço Social	1
<b>Total</b>	-	<b>27</b>

No gráfico 1 sistematiza-se a frequência absoluta dos cursos de empreendedorismo, agrupados pelas cinco áreas temáticas.

Gráfico 1 – Frequência absoluta de cursos de empreendedorismo, nas respectivas áreas temáticas.



A relação entre os cursos de empreendedorismo e o número de *ECTS* apresenta-se no quadro 7. O doutoramento tem 180 *ECTS*. Dos mestrados, 17 têm 120 *ECTS*, dois têm 90 *ECTS* e um tem 93 *ECTS*.

Quadro 7 – Frequência absoluta dos cursos de empreendedorismo, por cada valor de *ECTS*.

Cursos <b>ECTS</b>	Cursos			<b>Total</b>
	Doutoramento	Mestrado	Pós-graduação	
26	0	0	1	<b>23</b>
60	0	0	1	
90	0	2	0	
93	0	1	0	
120	0	17	0	
180	1	0	0	
Informação não disponível	-	-	-	<b>4</b>
	-	-	-	<b>27</b>

Como se pode verificar no quadro 8, os cursos de empreendedorismo diferem não apenas pelos *ECTS*, como também pelo seu modo de avaliação. Tendo em consideração os mestrados, a avaliação é sob a forma de *projecto ou dissertação* (n=6). O método de avaliação apenas suportado pela *dissertação* é adoptado por 5 dos cursos; *projecto, estágio ou dissertação*, é o método mais utilizado a seguir a *dissertação*, com

## A Formação Superior em Empreendedorismo

4 cursos a terem como avaliação uma destas três opções; *projecto ou estágio*, é também o método avaliativo de três dos cursos. Em *dissertação ou trabalho científico*, surge finalmente um doutoramento, juntamente com um mestrado, a utilizarem este processo de avaliação; e, por fim, surge a pós-graduação em empreendedorismo, a ter como avaliação a forma de *projecto*.

Quadro 8- Número de ECTS de cada curso de empreendedorismo e respectivos modos de avaliação.

Curso	ECTS	Método de Avaliação do Curso	Total
Mestrado em Inovação e Empreendedorismo Tecnológico	120	Projecto, Estágio ou Dissertação	<b>21</b>
Mestrado em Inovação e Empreendedorismo Tecnológico	120	Projecto, Estágio ou Dissertação	
Mestrado em Empreendedorismo e Internacionalização	120	Projecto, Estágio ou Dissertação	
Mestrado em Gestão e Empreendedorismo	120	Projecto, Estágio ou Dissertação	
Mestrado em Empreendedorismo e Criação de Empresas	120	Projecto ou Dissertação	
Mestrado em Empreendedorismo e Serviço Social	120	Projecto ou Dissertação	
Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo	120	Projecto ou Dissertação	
Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo	120	Projecto ou Dissertação	
Mestrado em Empreendedorismo	120	Projecto ou Dissertação	
Mestrado em Gestão: Especialização em Empreendedorismo	120	Projecto ou Dissertação	
Mestrado em Economia da Inovação e Empreendedorismo	93	Dissertação	
Mestrado em Inovação e Desenvolvimento Empreendedor	90	Dissertação	
Mestrado em Empreendedorismo	120	Dissertação	
Mestrado em Empreendedorismo e Gestão da Inovação	90	Dissertação	
Mestrado em Empreendedorismo	120	Dissertação	
Doutoramento em Mudança Tecnológica e Empreendedorismo	180	Dissertação ou Trabalho científico	
Mestrado em Bioempreendedorismo	120	Dissertação ou Trabalho científico	
Mestrado em Empreendedorismo e Inovação na Indústria Alimentar	120	Projecto ou Estágio	
Mestrado em Gestão: Empreendedorismo e Inovação	120	Projecto ou Estágio	
Mestrado em Empreendedorismo e Gestão de PME	120	Projecto ou Estágio	
Pós-graduação em Empreendedorismo	26	Projecto	
Informação não disponível	-	-	<b>6</b>
	-		<b>27</b>

### 5.2 - Análise descritiva das Unidades Curriculares (UC) de Empreendedorismo (licenciaturas e mestrados)

Existem 338 unidades curriculares de empreendedorismo no ensino superior em Portugal. O ensino politécnico público engloba o maior número, com 149 UC (44%);

segue-se o ensino universitário público, com 106 unidades curriculares (31%). O ensino privado destaca-se pela menor frequência de unidades curriculares (25%): o ensino universitário privado apresenta uma percentagem de 14% e o ensino politécnico privado 11% (quadro 9).

Quadro 9 – Frequência absoluta de Unidades Curriculares de Empreendedorismo, nos respectivos tipos de ensino.

<b>UC</b>	<b>Sim</b>
<b>Tipos de Instituição</b>	
Ensino Universitário Público	106
Ensino Universitário Privado	149
Ensino Politécnico Público	46
Ensino Politécnico Privado	37
<b>Total</b>	<b>338</b>

O anexo I apresenta todas as instituições portuguesas, bem como as unidades orgânicas de cada uma, que coordenam as unidades curriculares em empreendedorismo. O Instituto Politécnico de Leiria e a Universidade Nova de Lisboa, são as universidades com maior número, 29 e 24 UC, respectivamente. Outras oferecem apenas uma UC, como é o caso da Universidade dos Açores, Universidade do Minho, Instituto Politécnico de Portalegre, Escola Superior Artística do Porto, Instituto Superior D. Afonso III, IADE e o Instituto Superior Bissaya Barreto.

Além das Instituições, o quadro presente no anexo I também apresenta as unidades orgânicas que disponibilizam unidades curriculares em empreendedorismo. Esta informação permite uma análise mais específica.

Muitas das unidades orgânicas oferecem apenas 1 UC, no entanto, juntamente com outras unidades orgânicas da mesma instituição, obtêm totais mais elevados. As que não estão presentes no quadro em questão, não oferecem qualquer UC.

As unidades orgânicas que mais se destacam são a Faculdade de Engenharia da Universidade da Beira Interior, onde existem 8 UC; a Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa, com 11; o Instituto Superior Técnico, da Universidade Técnica de Lisboa, com 10; a Escola Superior de Tecnologia e Gestão, do Instituto Politécnico de Leiria, com 15 UC; a Escola Superior de Saúde Jean Piaget, do Instituto Piaget, com 11; e, a Escola de Gestão (Instituto Superior de Gestão), com 10 Unidades Curriculares. Contudo, muitas apresentam apenas 1 UC (anexo I).

No anexo II apresenta-se um quadro com a denominação das unidades curriculares incluídas em cada uma das áreas temáticas, bem como a frequência de cada

uma delas. A análise de conteúdo da denominação das unidades curriculares permitiu a construção de sete áreas temáticas:

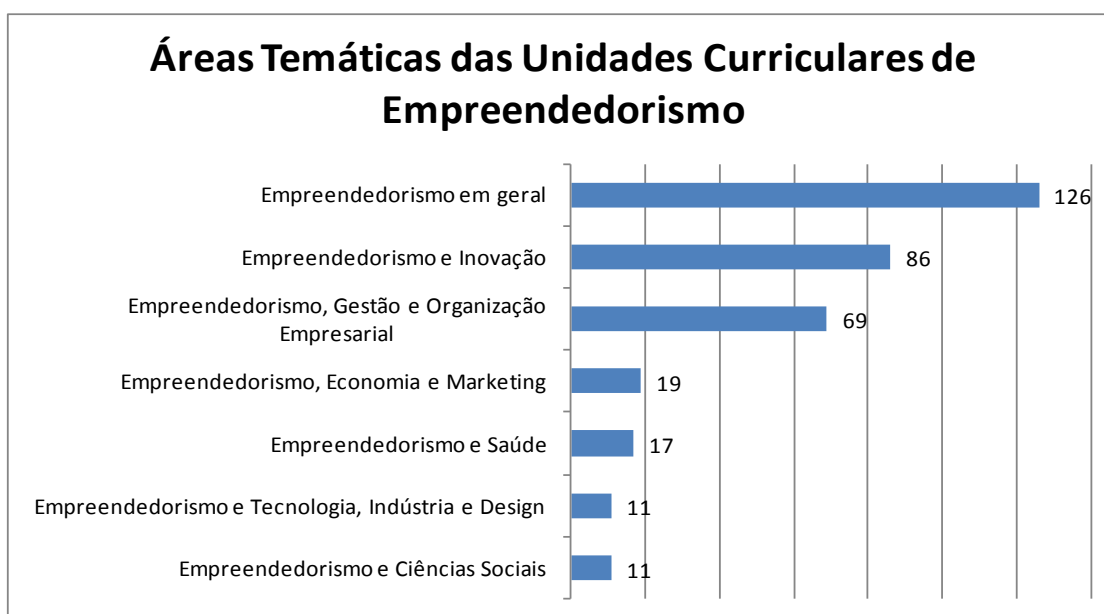
- (1) *empreendedorismo e inovação*;
- (2) *empreendedorismo e tecnologia, indústria e design*;
- (3) *empreendedorismo, economia e marketing*;
- (4) *empreendedorismo em geral*;
- (5) *empreendedorismo, gestão e organização empresarial*;
- (6) *empreendedorismo e saúde*;
- (7) *empreendedorismo e ciências sociais*.

Assim, observa-se que existem na área temática *empreendedorismo em geral* 126 UC; em *empreendedorismo e inovação* 86 UC; 69 UC na área temática de *empreendedorismo, gestão e organização empresarial*; *empreendedorismo, economia e marketing* inclui 19 UC; em *empreendedorismo e saúde* existem 17 UC; e, por fim, *empreendedorismo e ciências sociais* e *empreendedorismo e tecnologia, indústria e design*, ambas com 11 UC.

Note-se que nas 338 unidades curriculares, as designações, por vezes, exprimem somente diferenças numa palavra ou mesmo a inversão do nome (por exemplo: *empreendedorismo e gestão empresarial* – *gestão empresarial e empreendedorismo*).

O gráfico 2 sistematiza a frequência absoluta das unidades curriculares de empreendedorismo pelas sete áreas temáticas diferentes.

Gráfico 2 – Frequência absoluta de unidades curriculares em empreendedorismo, por áreas temáticas.



O quadro 10 indica a relação que existe entre as unidades curriculares de empreendedorismo e os *ECTS* de cada uma. Foram criadas as seguintes escalas: [1;5,5]; [6;10]; [11;15]; e [16;20]. A escala de [1;5,5] *ECTS* tem o maior número de unidades curriculares (n=197), a escala de [6;10] representa 120 UC e relativamente às escalas de [11;15] e de [16;20], ambas têm apenas 1 UC.

Quadro 10 – Frequência absoluta de unidades curriculares em empreendedorismo, por cada valor de *ECTS*.

<b>ECTS</b>	<b>UC</b>
[1;5,5]	197
[6;10]	120
[11;15]	1
[16;20]	1
Informação não disponível	19
<b>Total</b>	<b>338</b>

No que diz respeito às unidades curriculares optativas, estas representam cerca de 27% do total; mais precisamente, 86 UC são optativas. Aquelas que são obrigatórias no programa curricular representam 73% (n=252).

Para analisar a relação das unidades curriculares em empreendedorismo com o ano curricular em que estas surgem nos cursos, foram apenas consideradas as licenciaturas, pois é importante compreender como e quando surge o empreendedorismo na formação de base. Sendo assim, o máximo de anos curriculares dos cursos encontrados foi de quatro anos. Como se verifica no quadro 11, é no 3º ano curricular dos cursos que surgem com maior frequência as unidades curriculares relacionadas com o empreendedorismo, pertencendo-lhe 84% do total; ou seja, 164 UC são leccionadas no 3º ano. No 1º ano curricular, surgem 11 unidades curriculares (6% do total); no 2º ano, surgem 18 unidades curriculares de empreendedorismo (9%); e, por fim, com a menor frequência, surgem no 4º ano apenas 3 UC, cerca de 1%.

Quadro 11 – Número de UC de Empreendedorismo nas Licenciaturas, por cada ano curricular.

<b>Ano Curricular</b>	<b>UC por Licenciatura</b>
1	11
2	18
3	164
4	3
<b>Total</b>	<b>196</b>

### **5.3 - Análise de Correspondências Múltiplas (ACM)**

Com o objectivo de identificar as tendências do ensino do empreendedorismo em Portugal efectuaram-se duas análises de correspondências múltiplas: (1) das unidades curriculares de empreendedorismo, na formação de base do ensino superior em Portugal (licenciaturas e mestrados); e (2) dos cursos conferentes ou não de grau académico na área do empreendedorismo na formação avançada do ensino superior português.

Na primeira ACM (1) são utilizadas as seguintes variáveis: *tipo de instituição, instituição, ECTS, região e áreas temáticas*.

Na segunda ACM (2), o objectivo é traçar os perfis existentes numa formação avançada em empreendedorismo, utilizando as variáveis: *tipo de instituição, instituição, áreas temáticas, região, grau académico e ECTS*.

Ainda que tenham a mesma denominação, as variáveis utilizadas nas duas análises estão, evidentemente, sustentadas por diferentes dados. Na primeira ACM (1) utilizaram-se as 338 unidades curriculares focalizadas no empreendedorismo, em licenciaturas e mestrados. Na segunda ACM (2), a base de dados diz respeito aos cursos conducentes ou não a grau académico (n=27).

#### ***Análise focalizada nas unidades curriculares da formação de base em empreendedorismo (licenciaturas e mestrados)***

Nesta primeira análise, pretende-se compreender os diferentes perfis, relativos à análise das unidades curriculares na área do empreendedorismo.

Para isso, começou por se observar as medidas de discriminação, ou seja, aquelas que indicam quais as variáveis que mais diferenciam os grupos de indivíduos em cada dimensão. Extraíram-se duas dimensões. A dimensão 1 é melhor representada pelas seguintes variáveis: *tipo de instituição, instituição e ECTS*, pois são, de todas as variáveis, as que mais discriminam nesta dimensão. Por outro lado, a dimensão 2 define-se pelas variáveis: *região e áreas temáticas*. Neste sentido, designamos a dimensão 1 por *instituições e créditos* e a dimensão 2 por *contexto geográfico e académico*.

Através da análise das coordenadas de cada variável, podemos obter informações sobre as associações e oposições entre categorias das variáveis. Outra



medida importante a analisar trata-se das contribuições que permitem obter informações no que diz respeito ao peso e contribuição que cada categoria de variável tem para o poder explicativo da dimensão. Estas informações constam do quadro 12.

### Dimensão 1 – Instituições e Créditos

Quadro 12 – Contrastes da Dimensão *Instituições e Créditos*.

	<i>Contrastes</i>	
<b>I - Tipo de Instituição</b> Contribuição da variável para a inércia da dimensão: 0,259	- <u>Público Universitário</u> ; - <u>Privado Universitário</u> (*)	- <u>Público Politécnico</u> ;
<b>II – Instituição</b> Contribuição da variável para a inércia da dimensão: 0,316(**)	- <u>Universidade de Évora</u> ; - <u>Universidade da Beira Interior</u> ; - <u>Universidade Nova de Lisboa</u> ; - <u>Universidade Técnica de Lisboa</u> ;	- Instituto Politécnico de Viana do Castelo(*); - <u>Instituto Politécnico da Guarda</u> ; - <u>Instituto Politécnico de Viseu</u> .
<b>III – ECTS</b> Contribuição da variável para a inércia da dimensão: 0,078	- <u>[6;10]</u> .	- <u>[1;5,5]</u> ; - <u>[11;15]</u> (*);

(\*) Contribuição de cada categoria acima do valor médio de inércia 0,013.

(\*\*) Contribuição da variável para a dimensão.

\_\_\_ Categorias que mais discriminam.

Na dimensão *instituições e créditos* verifica-se que o ensino universitário, quer público, quer privado, se opõe aos institutos politécnicos públicos. Da mesma forma, as universidades, de uma maneira geral (Évora, Beira Interior, Universidade Nova de Lisboa e Universidade Técnica de Lisboa) se opõem aos institutos politécnicos (Viana do Castelo, Guarda e Viseu). Outra das variáveis que mais discrimina esta dimensão são os *ECTS*, onde se pode verificar que a escala de [6;10], se opõe às escalas de [1;5,5] e [11;15].

Conclui-se também que, no total de explicação da dimensão *instituições e créditos*, a variável *instituição* explica 0,316, isto é, de todas as variáveis desta dimensão, é aquela que tem mais peso na explicação da sua variância. Deste modo, verifica-se que as universidades têm investido mais na formação em empreendedorismo do que os politécnicos.

## Dimensão 2 – Contexto Geográfico e Académico

A mesma análise com base nas coordenadas e contribuições é efectuada para a dimensão *contexto geográfico e académico*, como se pode observar no quadro 13.

Quadro 13 – Contrastes da Dimensão *Contexto Geográfico e Académico*.

		<i>Contrastes</i>	
<b>I – Região</b>			
Contribuição da variável para a inércia da dimensão: 0,297(**)	- <u>Castelo Branco</u> ; - <u>Faro</u> ; - <u>Vila Real</u> ; - <u>Setúbal</u> ; - <u>Viana do Castelo(*)</u> ;	- <u>Porto</u> ; - <u>Lisboa</u> ; - <u>Coimbra</u> ; - <u>Leiria</u> ;	
<b>II - Áreas Temáticas</b>			
Contribuição da variável para a inércia da dimensão: 0,171	- <u>Empreendedorismo, Economia e Marketing</u> ; - <u>Empreendedorismo em geral</u> ; - <u>Empreendedorismo, Gestão e Organização Empresarial</u> .	- <u>Empreendedorismo e Inovação</u> ; - Empreendedorismo e Tecnologia, Indústria e Design(*);	

(\*) Contribuição de cada categoria acima do valor médio da inércia 0,013.

(\*\*) Contribuição da variável para a dimensão.

\_\_\_ Categorias que mais discriminam.

A segunda dimensão está representada pela variável *região*, onde se contrapõem as regiões de Castelo Branco, Faro, Vila Real, Setúbal e Viana do Castelo, com as regiões de Porto, Lisboa, Coimbra e Leiria, havendo, assim, um grande contraste entre regiões.

A variável *áreas temáticas* corresponde às unidades curriculares nas seguintes áreas: *empreendedorismo, economia e marketing; empreendedorismo em geral; e empreendedorismo, gestão e organização empresarial*, que se opõem a *empreendedorismo e inovação e empreendedorismo e tecnologia, indústria e design*.

A *região* é a variável que mais contribui na explicação da variância da dimensão, com um valor de 0,297.

Na análise das unidades curriculares encontramos dois perfis distintos, tal como podemos verificar na figura 1. De forma a facilitar a análise, a variável *instituição* foi retirada do gráfico da figura 1. O primeiro perfil (elipse azul) é caracterizado pelo ensino universitário (público e privado), tal como é comprovado pela presença de regiões que têm grandes pólos universitários, como é o caso de Coimbra, Porto e Lisboa. Neste perfil, encontramos ainda a presença de um maior número de áreas temáticas, nomeadamente *empreendedorismo em geral; empreendedorismo, tecnologia,*

indústria e design; empreendedorismo, gestão e organização empresarial; e, empreendedorismo e ciências sociais, o que justifica o maior número de pólos universitários. Apenas uma escala de ECTS está presente, [6;10].

No perfil oposto (elipse vermelha) está o ensino politécnico (público e privado), onde encontramos as regiões que estão directamente relacionadas com este regime de ensino, nomeadamente, Viana do Castelo ou Leiria. Neste perfil encontram-se as áreas temáticas de *empreendedorismo, economia e marketing; empreendedorismo e inovação; e, empreendedorismo e saúde*, e sobressaem os valores mais altos de ECTS [16;20].

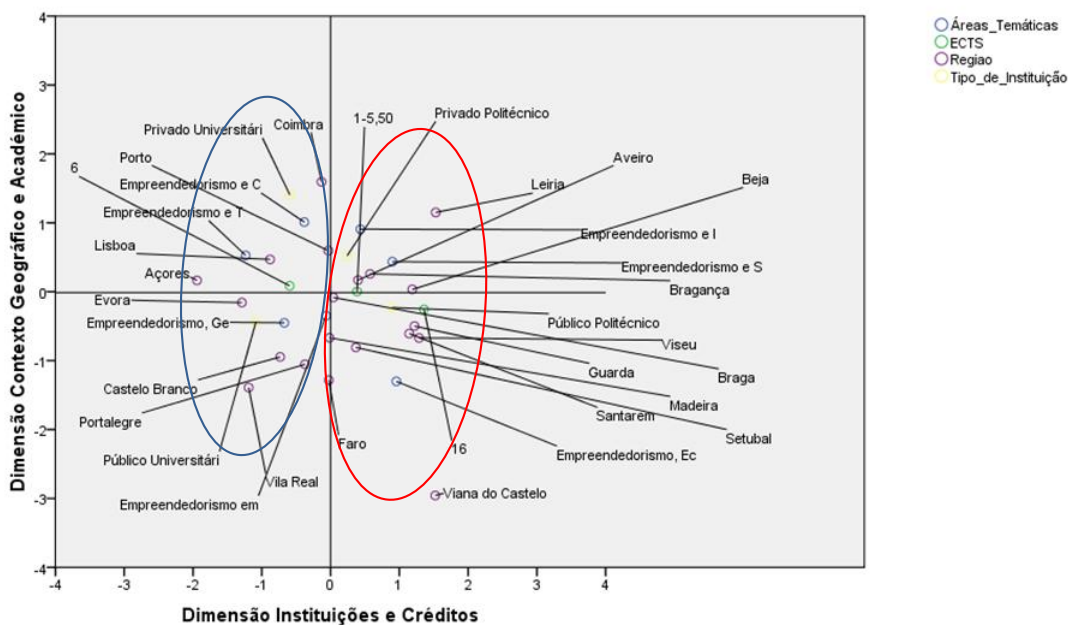


Figura 1 – Gráfico de Perfis da análise da Formação de Base (UC das licenciaturas e mestrados).

### ***Análise à formação especializada em empreendedorismo (cursos conducentes ou não de grau académico em empreendedorismo)***

À semelhança do que foi realizado anteriormente, foram observadas as medidas de discriminação relativas à formação mais avançada do empreendedorismo, nomeadamente, relativamente aos cursos conferentes ou não de grau académico.

Assim, a dimensão 1 desta análise é composta pelas variáveis seguintes: *tipo de instituição, instituição e áreas temáticas* por serem as mais explicativas nesta dimensão. Na dimensão 2, as variáveis mais representativas são: *região, grau académico e ECTS*. A dimensão 1 tem a designação de *contexto académico* e a dimensão 2 de *grau académico e créditos*. A análise será feita da mesma forma: devem ser analisadas as

coordenadas e as contribuições, como se pode observar nos quadros 14 e 15, respectivamente.

### Dimensão 1 – Contexto Académico

Quadro 14 - Contrastes da Dimensão *Contexto Académico*.

	<i>Contrastes</i>	
<b>I – Tipo de Instituição</b> Contribuição da variável para a inércia da dimensão: 0,179	- <u>Público Universitário(*)</u> .	- <u>Público Politécnico</u> ;
<b>II – Instituição</b> Contribuição da variável para a inércia da dimensão: 0,273(**)	- <u>Universidade Técnica de Lisboa(*)</u> ; - <u>Universidade do Minho</u> ; - <u>Universidade de Coimbra</u> ;	- <u>Instituto Politécnico de Viana do Castelo</u> ;
<b>III – Áreas Temáticas</b> Contribuição da variável para a inércia da dimensão: 0,196	- <u>Empreendedorismo e Tecnologia</u> ; - <u>Empreendedorismo e Ciências Sociais(*)</u> .	- <u>Empreendedorismo e Gestão</u> ; - <u>Empreendedorismo, Economia e Inovação e Internacionalização</u> ;

(\*) Contribuição de cada categoria acima do valor médio da inércia 0,020.

(\*\*) Contribuição da variável para a dimensão.

\_\_\_ Categorias que mais discriminam.

Ao nível do *tipo de instituição*, pertencente à dimensão 1, verifica-se que o ensino público universitário está em oposição ao público politécnico. Verifica-se assim, um grupo com um perfil mais focado no ensino universitário público, como se pode concluir na observação das oposições entre instituições: as universidades opõem-se, de uma maneira geral, ao ensino politécnico, como se pode observar na variável *instituições*. Relativamente às *áreas temáticas*, as de *empreendedorismo e tecnologia e empreendedorismo e ciências sociais*, contrapõem-se às de *empreendedorismo e gestão e empreendedorismo, economia e inovação, e internacionalização*.

Nesta dimensão, a variável que mais peso tem para a explicação da variância da dimensão, é a *instituição*, com 0,273.

## Dimensão 2 – Grau Académico e Créditos

Quadro 15 - Contrastes da Dimensão *Grau Académico e Créditos*.

	Contrastes	
<b>I – Região</b> Contribuição da variável para a inércia da dimensão: 0,220(**)	- <u>Lisboa</u> .	- <u>Castelo Branco</u> ; - Braga(*); - <u>Coimbra</u> ;
<b>II – Grau Académico</b> Contribuição da variável para a inércia da dimensão: 0,164	- <u>Pós-Graduação</u> ; - <u>Doutoramento</u> (*).	- <u>Mestrado</u> .
<b>III – ECTS</b> Contribuição da variável para a inércia da dimensão: 0,154	- <u>[0;50]</u> ; - <u>[151;200]</u> (*).	- <u>[101;150]</u> .

(\*) Contribuição de cada categoria acima do valor médio da inércia 0,020.

(\*\*) Contribuição da variável para a dimensão.

\_\_\_ Categorias que mais discriminam.

A dimensão 2 é melhor representada pelas variáveis *região*, *grau académico* e *ECTS*, como se pode verificar no quadro 15. Neste, verificamos que a região de Lisboa se opõe às restantes, que são: Castelo Branco, Braga e Coimbra. A pós-graduação e o doutoramento, são os graus que se opõem ao mestrado, no que diz respeito às oposições da variável *grau académico*. Finalmente, é possível concluir que as escalas de *ECTS* que variam entre [0;50] e [151;200], opõem-se à escala de [101;150].

A variável *região* é a que mais contribui para a variância do total da dimensão *grau académico e créditos* (0,220).

Na análise dos perfis resultantes da formação especializada em empreendedorismo, isto é, dos cursos conducentes ou não a grau académico, distinguem-se quatro perfis, como se pode verificar na figura 2. Também foram retiradas as universidades e utilizada apenas a variável *tipo de instituição*, para que a informação fosse de mais fácil leitura.

Um dos perfis (elipse verde) caracteriza-se sobretudo pelo ensino público universitário, que abrange as regiões de Braga e Coimbra, ao qual está associado o grau de mestrado. Por sua vez, abrange a área temática de *empreendedorismo e ciências sociais*, e uma das mais elevadas escalas dos *ECTS* dos cursos de empreendedorismo, de [101;150]<sup>1</sup>. Outro dos perfis apresentado (elipse azul) pela formação especializada em empreendedorismo está caracterizado pelo ensino público politécnico, em que a área

<sup>1</sup> Nesta análise de correspondências múltiplas, à semelhança do que foi realizado para a formação de base, agruparam-se os valores absolutos de *ECTS* em 4 categorias de [0;50]; [51;100]; [101;150]; e [151;200].

temática de *empreendedorismo e gestão* está representada, estando ainda associadas as regiões de Faro, Guarda, Portalegre, Setúbal, Viana do Castelo e Santarém. O terceiro perfil (elipse vermelha) caracteriza-se pela região de Lisboa e o doutoramento que se opõe aos restantes graus académicos, na área de *empreendedorismo e tecnologia*. Por fim, o último perfil (elipse amarela) que é possível analisar é caracterizado pelo ensino privado universitário e a grande região do Porto, abrangendo as *áreas temáticas de empreendedorismo em geral e empreendedorismo, economia e inovação, e internacionalização*, e as pós-graduações (incluindo um MBA).

Uma vez que a análise da formação avançada em empreendedorismo diz respeito aos cursos conferentes ou não de grau académico, os perfis são, sobretudo, definidos pela posição da variável *grau académico*.

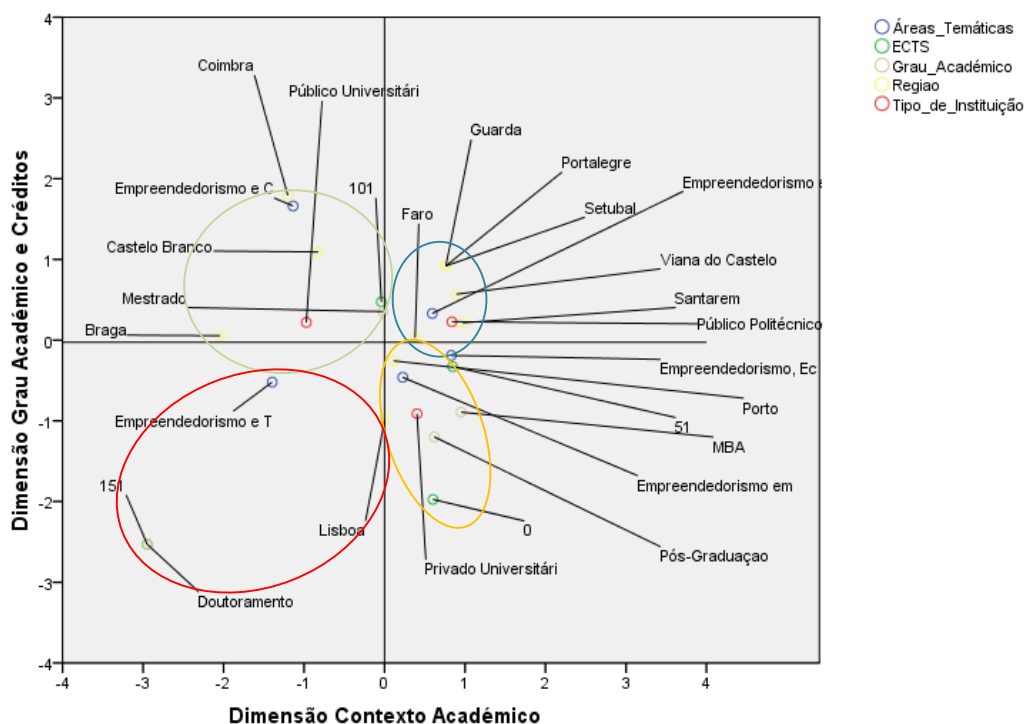


Figura 2 – Gráfico de Perfis da formação especializada em empreendedorismo (cursos conferentes ou não de grau académico).

## 6 - Análise de três casos específicos de formação em empreendedorismo

Para complementar a análise do levantamento sistemático da formação de base, focalizada nas unidades curriculares das licenciaturas e mestrados, em empreendedorismo e na formação especializada em empreendedorismo (cursos conferentes ou não de grau académico), foram analisados três casos específicos de

formação em empreendedorismo, casos estes que consistiam em três entrevistas realizadas a coordenadores de cursos relacionados com a área de empreendedorismo, no ensino superior.

Os três casos correspondem aos cursos: *Caso A* - Workshop em Empreendedorismo, Design e Engenharia de Produtos, do Instituto Superior Técnico, da Universidade Técnica de Lisboa; *Caso B* - Pós-graduação em Empreendedorismo do Instituto Superior de Gestão – Escola de Gestão; e, *Caso C* - Mestrado em Empreendedorismo e Gestão de PME do Instituto Politécnico de Portalegre.

Através da análise do guião elaborado e das transcrições das entrevistas, é possível chegar a algumas conclusões, sobretudo no que diz respeito à visão que todos os casos em análise têm do empreendedorismo em Portugal, dos seus cursos e da forma como os respectivos programas contribuem para o desenvolvimento desta área.

Ao nível da caracterização dos entrevistados, o caso A é claramente um caso de percurso profissional e de vida dedicado ao mundo universitário, tal como o caso C, mas este mais virado para o campo do ensino superior politécnico. O caso B diferencia-se pela versatilidade.

### Visão

A questão do empreendedorismo em Portugal, demonstrou ser um tema bastante amplo e razão para uma pluralidade de opiniões quanto à *visão* que cada entrevistado apresentou. Segundo o caso A, a oferta de empreendedorismo em Portugal é reduzida pois “(...) são cursos extremamente virados para a componente de Gestão (...)”; relativamente ao caso B, a visão é bastante negativa e, simultaneamente, romântica, referindo-se aos cursos de empreendedorismo como “(...) muito maus (...) é uma visão romântica em muitos casos, absolutamente romântica, que é muito bom fazer empreendedorismo, mas depois não sabem ensinar as pessoas a fazer um projecto, não sabem ensinar”. No que diz respeito ao caso C, a opinião do entrevistado é de que os cursos de empreendedorismo são de qualidade, construindo assim, uma visão positiva e mais futurista, “ (...) Os cursos de empreendedorismo são cursos novos, são cursos bons na generalidade, são cursos que estão com equipas docentes muito empenhadas, novas e empenhadas, e que têm um potencial muito grande, só que ainda estão “verdes””.

*Quantidade de oportunidades de negócio*

Outro dos temas importantes para a análise da formação superior em empreendedorismo, passa pela noção da quantidade de oportunidades de negócio, questão fundamental para o sucesso desta área. Nesta temática, os três casos reportam a mesma opinião: as oportunidades de negócio em Portugal são múltiplas. No entanto, dependem de diversos factores, como por exemplo, da capacidade de gerar boas ideias e da coragem para implementá-las, “ (...) haja uma boa ideia e o negócio simplesmente aparece” (caso A); “Há imensas (oportunidades de negócio). Se uma pessoa estiver desperta para isso, em cada curva vê uma oportunidade de negócio” (caso B); “Imensas, há imensas oportunidades de negócio. Há falta de coragem de implementar, há falta de coragem para perder a segurança de um emprego permanente, e há falta de percepção de que eu tenho capacidades para fazer um negócio, há imensas oportunidades de negócio” (caso C).

*Relação universidade-empendedorismo*

Como factor principal deste estudo, está a relação que existe entre universidade e empreendedorismo, como tal, foi questionado a cada um dos casos qual seria a importância desta relação. Todos os casos apresentam a opinião unânime de que esta relação é extremamente importante nos dias de hoje, sendo que o caso B e C, apresentam diversas razões. O caso B considera-a importante, ainda que considere também que deve ser mais desenvolvido, “Essa ligação é muito importante. Eu penso que isto vai evoluindo com o tempo, o conceito de empreendedorismo ainda é recente, não faz muito o género do universitário actual (...) mas com o tempo, os próprios alunos e a própria sociedade vai exigir e, a pouco e pouco, as coisas vão-se reorganizar”. Já o caso C, apresenta uma importância “dupla”, isto é, considera que a universidade é uma fonte de novas competências, logo propícia ao desenvolvimento do empreendedorismo, bem como, é um espaço de excelência, podendo compreender-se melhor através das suas afirmações: “Por um lado a universidade é a fonte de miúdos novos e diplomados com competências e capacidades para assumirem riscos (...) por outro lado, a universidade é um espaço de excelência (...) somos os 20% da sociedade que tem o direito de estar a estudar no ensino superior”.



*Importância dos cursos de empreendedorismo*

Em relação à abordagem da questão da importância da existência de cursos de empreendedorismo, as opiniões divergem, mas simultaneamente, adquirem uma linha de pensamento idêntica. Por outras palavras, no caso A, esta importância é definida pelo facto destes possibilitarem a criação de trabalho próprio, “É extremamente importante (...) Historicamente os alunos não têm uma perspectiva empreendedora (...) Falta-lhes se calhar a parte empreendedora para poderem criar eles próprios o seu trabalho e trabalho para outros”; o caso B, reforça a sua importância para a globalização e evolução da economia, “(...) é extremamente importante para o país por outras razões (...) E quais são elas, a evolução da economia tem ido no sentido da globalização”; e, por último, o caso C, defende a importância dos cursos de empreendedorismo devido à sua capacidade de mudar mentalidades, “Eu, “instituições do ensino superior”, tenho que ter a capacidade de mudar mentalidades da massa que passa por nós, para não saírem do ensino superior à espera de encontrar um emprego para toda a vida, mas sim (...) com capacidade de eventualmente, encontrarem um emprego para toda a vida, mas também de assumirem atitudes empreendedoras, mesmo dentro do emprego para toda a vida”. É como se cada um tivesse apresentado um passo para atingir uma meta, ou seja, a criação de trabalho próprio desenvolve a nossa economia, e ao mesmo tempo, se isso for conseguido, é através dos casos de sucesso que se conseguem mudar mentalidades.

*Recursos em Portugal*

Contudo, para o bom desenvolvimento do empreendedorismo é também fundamental compreender se Portugal dispõe de recursos bons e suficientes, por isso, todos os casos entrevistados também puderam manifestar a sua opinião. O caso A afirma que existe falta de aplicação, “Se calhar existem, não estão é a ser aplicados”; o caso B, defende que os recursos são criados dependendo da capacidade de iniciativa dos indivíduos, “(...) as pessoas é que têm de pedalar, não podem estar à espera que as pessoas lhes dêem emprego (...)”; e, no caso C, a opinião destaca-se das outras pelo positivismo, afirmando que existem recursos fortes, “Nós temos recursos muito fortes. O principal recurso que temos, que não está a ser explorado, é a quantidade de miúdos com ideias na cabeça (...) E há um recurso que quase ninguém se lembra que existe, que são os *business angels*”.

*Desenvolvimento de competências empreendedoras*

Quando questionados acerca da forma como os respectivos cursos e programas asseguram o eficaz desenvolvimento de competências empreendedoras, os entrevistados manifestaram as seguintes opiniões: o caso A afirma que o curso permitiu a abertura de perspectivas por parte dos alunos, não sendo muito específico, “(...) eu tento manter contacto e eles também mantêm contacto comigo e eles dizem que o curso abriu-lhes a perspectiva para coisas que eles não estavam à espera”; o caso B, garante que o curso transmite todos os conhecimentos necessários para a eficácia do seu desenvolvimento, “(...) são transmitidos todos os conhecimentos necessários à elaboração de um plano de negócios, portanto, desde a ideia ao conceito”; no caso C, a opinião é de que o curso permite efectivamente o desenvolvimento de uma atitude empreendedora, “ (...) pelas matérias que leccionamos, desde cedo, neste curso, os alunos são confrontados com a ideia, “tens de ser empreendedor” (...) é desenvolvida uma atitude empreendedora (...)”.

*Motivação dos alunos*

Tendo em conta as opiniões dos entrevistados relativamente aos seus cursos, é também importante compreender qual a motivação dos alunos perante a entrada no cursos. Segundo o caso A, os alunos frequentam o curso maioritariamente porque pretendem obter uma mais-valia na procura de emprego, “(...) vêm todos numa perspectiva de terem uma mais-valia na procura de emprego (...) Também têm vindo nalgumas edições, grupos de pessoas que vêm de uma determinada empresa, então aí vêm com o objectivo de reforçar a componente de empreendedorismo e desenvolvimento de produto, dentro da própria empresa”. Quanto ao caso B, os alunos procuram o curso sobretudo “(...) para gerir uma empresa. A pessoa traz o seu projecto, quer ser empreendedor, não é para tirar um curso de empreendedorismo e depois não fazer nada”, e o caso C, defende que a motivação assume dois tipos: o de adquirir o título e o sonho de criar, “Há dois tipos de motivações, há o tirar o mestrado (...) alguns têm ideia de criar um negócio, já à partida quando entram, e querem de facto aprofundar os seus conhecimentos de Gestão, e têm o sonho de criar”.

### *Criação de empresas/produtos*

A criação de empresas/produtos é um dos objectivos que se espera concretizado de um aluno que frequenta um curso de empreendedorismo. No caso A, apenas surgiram criações de novos produtos, “(...) são coisas claramente ligadas com pequenos produtos de base mecânica ou electrotécnica”; quanto ao caso B, existe a garantia da concretização deste objectivo, “Todos os alunos que fizeram comigo empreendedorismo vão estar com as suas empresas”; e, o caso C, revela que “(...) três criaram empresa, (...) e tenho noção que cinco vão criar novas empresas”.

### *Iniciativas paralelas ao curso*

Ao nível do conhecimento de iniciativas paralelas ao próprio curso, apenas o caso C respondeu afirmativamente, “Portalegre desenvolveu juntamente com a Associação de Desenvolvimento Regional do Instituto Politécnico de Portalegre, a ADRIPP, uma coisa que é a feira ENOV, de INOV, inovação (...) não só para os alunos de cursos, mas para toda a região, transmitir a tal ideia cultural de, eu não preciso de procurar um emprego para toda a vida, eu preciso de saber vender as minhas competências (...)”, da mesma forma, o Poliempreeunde também contribui para a divulgação do curso, “(...) o que pretende é incentivar os alunos de 1º e 2º ciclo, ou até os já diplomados, incentivá-los a criar planos de negócio para implementar em empresas”.

### *Follow-up dos alunos*

Após os cursos, todos os casos afirmam que é feito um *follow-up* dos alunos, isto é, quando os alunos, já formados, necessitam de alguma ajuda ou informação, e achem que os antigos docentes/coordenadores de curso podem ajudar, estes demonstram total abertura e colaboração, “Estamos abertos a essa colaboração, se os alunos quiserem (...)” (caso A); “(...) muitos alunos fazem questão de ter a nossa opinião mesmo depois de saírem daqui e nós estamos sempre disponíveis a ajudar (...)” (caso B); “Isso é uma das delícias de trabalhar numa instituição pequena (...) desde cedo os alunos tratam o professor pelo nome próprio, conhecem o professor, há uma abertura muito maior e, por

isso têm a capacidade de ir ter com o professor e de se encontrarem com ele, depois de terem saído” (caso C).

Desta forma, foram analisados os tópicos principais das entrevistas realizadas. No entanto, no anexo III pode também analisar-se um quadro que dá algumas informações complementares. Todos os casos (A, B e C) foram fundamentais para a melhor compreensão do que está, ou não, a ser feito em função do eficaz desenvolvimento do empreendedorismo no ensino superior português e, conseqüentemente, da evolução da economia do país. Assim, através das suas declarações, conclui-se que estes são, com certeza, apenas três exemplos de muitos profissionais que cada vez mais estão a apostar nesta área no ensino superior.

## **7 – Discussão Geral e Conclusão**

O presente estudo teve como objectivo a realização de um levantamento sistemático da oferta formativa em empreendedorismo que existe, actualmente, no ensino superior em Portugal, desde as unidades curriculares, aos cursos específicos. Dessa forma, foram realizadas duas análises distintas: (a) das unidades curriculares de empreendedorismo, na formação de base (licenciaturas e mestrados); e (b) dos cursos conferentes ou não de um grau académico na área do empreendedorismo na formação avançada do ensino superior em Portugal. Através destas análises, pretendia-se compreender em que medida o empreendedorismo está presente nas universidades portuguesas e de que forma os alunos tomam contacto com esta disciplina.

Realizou-se ainda uma análise complementar a estes dados através da realização de entrevistas a três responsáveis de cursos de formação avançada em empreendedorismo, em três regimes diferentes de ensino superior (universitário público, universitário privado e politécnico público).

De forma a simplificar o estudo das variáveis, este foi dividido por: (1) análise das unidades curriculares na formação de base em empreendedorismo (licenciaturas e mestrados) do ensino superior em empreendedorismo; e (2) análise dos cursos conferentes ou não de grau académico em empreendedorismo. Chegando aos resultados, realizou-se uma análise de correspondências múltiplas (ACM), para cada tipo de formação em empreendedorismo (formação de base (UC) e formação especializada).

Na primeira análise chega-se à conclusão de que existem 338 unidades curriculares de empreendedorismo em Portugal. O ensino politécnico público engloba a

maior frequência, com 149 UC (44%) e o ensino universitário público tem 106 unidades curriculares (31%). O ensino universitário privado apresenta uma percentagem de 14% e o ensino politécnico privado 11%.

Os resultados da ACM permitem concluir que a formação de base, ou seja, as unidades curriculares (ACM 1), relativas às licenciaturas e mestrados em empreendedorismo (n=338), pode ser categorizada segundo duas dimensões: *instituições e créditos* (pois é mais discriminada pelas variáveis: *tipo de instituição, instituição e ECTS*) e *contexto geográfico e académico* (definida pelas variáveis: *região e áreas temáticas*). A análise dos perfis da formação baseada nas unidades curriculares em empreendedorismo demonstra claramente a oposição entre o ensino universitário e politécnico.

Relativamente à formação avançada em empreendedorismo, identificaram-se 27 cursos que conferem ou não grau em empreendedorismo, com os níveis de doutoramento, mestrado e pós-graduação (incluindo MBA). Conclui-se que são maioritariamente mestrados (78%), sendo que só existe 1 doutoramento e 4 pós-graduações. O Ensino Universitário Público oferece 41% destes cursos, e 26% estão disponíveis no Ensino Politécnico Público. O Ensino Universitário Privado representa 33%. Não se verifica qualquer tipo de especialização no Ensino Politécnico Privado.

A análise de correspondências múltiplas para a formação especializada em empreendedorismo, isto é, a que diz respeito aos cursos conducentes ou não a grau em empreendedorismo (ACM 2), permitiu identificar duas dimensões quanto a este tipo de formação: *contexto académico* (pois é explicada pelas variáveis *tipo de instituição, instituição e áreas temáticas*) e *grau académico e créditos* (as variáveis mais significativas nesta dimensão são *região, grau académico e ECTS*). A análise dos perfis da formação avançada em empreendedorismo permite verificar que existe uma oposição entre os diversos tipos de ensino, bem como os diversos graus académicos, quanto à região e créditos.

Através das entrevistas realizadas a três coordenadores de cursos em empreendedorismo (*casos A, B e C*), é possível verificar que, apesar de, cada vez mais, haver contacto com a disciplina de empreendedorismo no ensino superior, é necessário que estas noções comecem a ser desenvolvidas mais cedo, nomeadamente, no ensino secundário. Os três casos específicos pertenciam a três tipos de ensino. No *caso A*, pertencente ao ensino universitário público, a perspectiva é de que ainda existe uma oferta reduzida da área do empreendedorismo nalgumas áreas, nomeadamente, no

âmbito de cursos tecnológicos. O *caso B* pertence ao ensino universitário privado, e apela ao desenvolvimento desta disciplina, pois defende a ideia de que os cursos que existem ainda não são suficientemente bons. O *caso C*, por último, representa o ensino politécnico público, neste caso a visão do empreendedorismo é extremamente positiva, defende que existem cursos de qualidade e que as mentalidades dos jovens começam a ser mudadas em função deste fenómeno. Contudo, os três casos defendem uma ideia em comum: as oportunidades de negócio são muitas, basta a mentalidade de cada um estar preparada para as identificar. Cabe ao ensino do empreendedorismo a preparação para esta realidade.

Através da análise destes casos verificamos que não são apenas as áreas directamente ligadas à gestão que devem ser tidas em consideração quando falamos de empreendedorismo, mas sim todas as áreas científicas do ensino superior como por exemplo, as tecnologias e engenharias, ciências sociais e humanas, ciências do desporto e ciências da saúde. Esse cenário fortemente preso à gestão mudou, bem como o sistema educativo português precisa de mudar mais ainda relativamente ao reforço do empreendedorismo nas suas estruturas curriculares. Tal como o estudo comprova, o empreendedorismo, cada vez mais, abandona o conceito de conhecimento específico da Gestão, e está a tornar-se num conhecimento transversal.

### **7.1 - Limitações, Implicações Práticas e Investigações Futuras**

Ao longo da realização deste estudo foram sendo identificadas algumas limitações. Uma dessas limitações foi o facto de os dados para o presente trabalho terem sido recolhidos em Agosto/Setembro de 2010, apesar da tentativa de estar permanentemente actualizada, as páginas *Web* estão em constante actualização e novos cursos poderão ter surgido, da mesma forma que alguns dos cursos identificados para análise, poderão não ter sido realizados devido à falta de alunos, ou outras razões respeitantes à própria unidade orgânica e respectiva coordenação do curso. Foi um estudo limitado pelo tempo, pois a uma certa altura a procura teve de ser interrompida para que fosse possível efectuar a análise dos dados conseguidos. Nem sempre foi fácil aceder à informação de algumas páginas *Web*, devido à falta de organização destas. O contacto telefónico também nem sempre foi sucedido pois não foi possível, em alguns casos, falar directamente com o coordenador do curso. Devido a esta falta de informação de alguns dos *sites* e impossibilidade de contacto directo com a coordenação

dos cursos, não foi possível obter a informação dos dados de alguns cursos ou unidades curriculares, nomeadamente, o número de créditos, o modo de avaliação final dos cursos, o ano curricular, ou as optativas.

Outra das limitações é o número reduzido de casos entrevistados. Através de uma maior número de entrevistas seria possível compreender melhor as perspectivas dos coordenadores dos cursos de empreendedorismo portugueses, de um modo mais geral. Desta forma, a análise foi mais específica e maioritariamente sustentada pelos restantes dados obtidos.

Verifica-se também que não existe uma medida de sucesso. Não há uniformização entre as universidades e institutos politécnicos para apostarem no empreendedorismo, tal como um plano curricular comparável. Existem inúmeras denominações para unidades curriculares de conteúdo idêntico. Deveria haver uma descentralização dos grandes pólos universitários para que esta medida pudesse ser conseguida e, conseqüentemente, o empreendedorismo ser ensinado por todo o ensino superior de forma eficaz e testemunhado por empreendedores de sucesso. Seria certamente uma mais-valia para os alunos que estão a ter as primeiras noções do mundo profissional.

As conclusões obtidas no presente estudo, possibilitam a compreensão de alguma da aplicabilidade prática deste. Nomeadamente, quanto ao conhecimento, por parte dos empreendedores, professores universitários e alunos, do que existe ao nível das unidades curriculares e da formação especializada na área do empreendedorismo. Todo o levantamento efectuado está relacionado com as regiões do país que apostam, ou não, nesta área. É possível agora compreender com mais detalhe o que existe e em que condições o empreendedorismo é oferecido aos nossos alunos.

Contudo, também é fundamental que sejam tidos em consideração possíveis estudos futuros relacionados com esta área, para o seu próprio desenvolvimento. Por exemplo, é importante que se englobe o ensino secundário e se verifique o que está a ser feito previamente ao ensino superior relativamente ao empreendedorismo. Ou então, uma investigação baseada no acompanhamento dos alunos de empreendedorismo, pré-formação, durante o curso e pós-formação, de modo a identificar as motivações iniciais dos alunos, e as motivações com que saiem do curso. Posteriormente, verificar-se-ia a taxa de sucesso deste através da observação da criação ou não de novos negócios. Analisar-se-ia, assim, a eficácia do ensino do empreendedorismo no ensino superior.

Assim, o presente estudo contribui para a sistematização da oferta de empreendedorismo no ensino superior, e fornece informações sustentadas para possíveis investigações futuras.



## **8 – Referências Bibliográficas**

- Ajzen, I. (1991), The theory of planned behavior, *Organizational Behavior and Human Decision Processes* 50, 179-211.
- Bagozzi, R., Baumgartner, H., & Yi, Y. (1989), An investigation into the role of intentions as mediators of the attitude-behavior relationship, *Journal of Economic Psychology* 10, 35–62.
- Bucha, A. (2009), *Empreendedorismo – Aprender a Saber Ser Empreendedor*. Lisboa: Editora.
- Casson, M. (1982), *The Entrepreneur*. NJ, US: Barnes and Noble Books.
- Charney & Libecap (2000), Graduate Entrepreneurs Prosper, Innovate. *Berger Entrepreneurship Program*: University of Arizona.
- Correia Santos, S. & Caetano, A. (2010), Atitude dos Estudantes Universitários face ao empreendedorismo: Como identificar o Potencial Empreendedor? *Revista Portuguesa e Brasileira da Gestão*, 9 (4), 2-14.
- Davidsson, P. (1991), Continued Entrepreneurship, *Journal of Business Venturing*, 6 (6), 405-429.
- Dolabela, F. (2003), *Pedagogia Empreendedora*. São Paulo: Editora de Cultura.
- Dominguinhos, P., Sardinha, B., Carvalho, L., Ramalho, N. & Pereira, R. (2005), Assessing Entrepreneurial Education in Higher Education in Portugal, *Fostering Entrepreneurship: The Role of Higher Education*, 1-14.
- Drucker, P.F. (1986), *Innovation and Entrepreneurship*. London: Heinemann.
- Etemad, H. & Wright, R. (2003), *Globalization and Entrepreneurship*. Canada: McGill University.
- Fayolle, A., Gailly, B. & Lassas-Clerc, N. (2006), Assessing the impact of entrepreneurship education programmes: a new methodology, *Journal of European Industrial Training* 30, 701-720.
- Ferrante, F. & Sabatini, F. (2007), *Education, social capital and entrepreneurial selection in Italy*. University of Cassino, 1-29.
- Ferreira, M, Santos, J. & Serra, F. (2008), *Ser Empreendedor – Pensar, Criar e Moldar a Nova Empresa*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Flanagan, J. (2000), Work based learning as a means of developing and assessing nursing competence, *Journal of Clinical Nursing* 3, 9, 360-8.
- Havinal, V. (2009), *Management and Entrepreneurship*. New Delhi: New Age International Publishers.

Hynes, B., Costin, Y. & Birdthistle, N. (2011), Practice-based learning in entrepreneurship education. A means of connecting knowledge producers and users, *Emerald*, 1, 1, 16-28.

Hynes, B. & Richardson, I. (2007), Creating an entrepreneurial mindset: getting the process right for Information and Communication Technology students chapter VI, in Lowry, G. (Ed.), *Information Systems and Technology Education: From the University to the Workplace*, IGI Global, Hershey, PA.

Kirzner, I. (1973), *Competition and Entrepreneurship*. Chicago: University of Chicago Press.

Knight, F. (1921), *Risk, Uncertainty, and Profit*. Nova Iorque: Augustos Kelly.

Krueger, N., Reilly, M. & Carsrud, A. (2000), Competing Models of Entrepreneurial Intentions, *Journal of Business Venturing, Elsevier*, 15, 411-432.

Kyro, P. (2007), *Entrepreneurship Education and Finnish Society*. University of Tampere, 63-80.

Lipper, A. (1987), If constructively creative divergent thinking equals entrepreneur... how can we help make more of them, *Journal of Creative Behavior*, 21 (3), 214-218.

Louis, K. S., D. Blumenthal, M. E. & Gluck, M. A. Stoto (1989), Entrepreneurs in academe: Exploration of behaviors among life scientists. *Administrative Science Quarterly*, 34 (1), 110-131.

McClelland, D. C. (1967), *The Achieving Society*. Free Press.

Miner, J. B. (2000), Testing a psychological typology of entrepreneurship using business founders, *Journal of Applied Behavioral Science*, 36 (1), 43-69.

Misek, M. (2007), Germany's Educational Tracking System and How It Affects Entrepreneurship. *Unpublished manuscript*,  
<http://ideas.repec.org/p/wiw/wiwnu/neurusp108.html>.

Neal, J. (1998), Quality Assurance in the Entrepreneurial University. *New Directions for Institutional Research*, 25 (3), 69-85.

Oosterbeek, H., van Praag, M. & Ijsselstein, A. (2010), The impact of entrepreneurship education on entrepreneurship skills and motivation, *European Economic Review, Elsevier*, 54, 442-454.

Penrose, E. T. (1959), *The Theory of The Growth of The Firm*. Nova Iorque: John Wiley.

Reber, A. S. (1995), *The Penguin Dictionary of Psychology* (2ª Edição). Londres: Penguin Books.

Redford, D. (2008), *The state of entrepreneurship education in Portugal – an empirical study on a nascent system in the European Union policy (framework)*. Tese de Doutoramento em Gestão, ISCTE.

Sarkar, S. (2010), *Empreendedorismo e Inovação* (2ª Edição). Lisboa: Escola Editora.

Schumpeter, J. (1934), *The Theory of Economic Development*. Harvard University Press.

Shane, S. (2003), *A General Theory of Entrepreneurship - The individual-opportunity nexus*. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing.

Shane, S. (2004), *Academic entrepreneurship: University spinoffs and wealth creation*. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing.

Shane, S. & Venkataraman (2000), The promise of entrepreneurship as a field of research, *Academy of Management Review*, 25, 217-226.

Sobel, R. & King, K. (2008), Does school choice increase the rate of youth entrepreneurship?, *Economics of Education Review*, Elsevier, 27, 429-438.

Starkey, K. & Tempest, S. (2008), A clear sense of purpose: the evolving role of the business school, *Journal of Management Development*, 4, 27, 3-13.

Torokoff (2007), *Opportunities for Schools to Develop Entrepreneurship Education: the Example of Estonia*. Estonia: University of Tartu., 81-96.

Wright, M., Clarysse, B., Mustar, P. & Lockett, A. (2007), *Academic Entrepreneurship in Europe*. UK: Edward Elgar Publishing.

Wright, M., Piva, E., Mosey, S. & Lockett, A. (2009), Academic entrepreneurship and business schools, *Journal of Technology Transfer*, Springer 34, 560-587.

**9 - Anexos**

**Anexo I** - Quadro 1 – Número de unidades curriculares de empreendedorismo, nas instituições de ensino e respectivas unidades orgânicas.

<b>Instituição</b>	<b>Unidade Orgânica</b>	<b>Nº de UC</b>	<b>Total</b>
ISCTE-IUL	-	6	6
Universidade dos Açores	Universidade dos Açores – Angra do Heroísmo	1	1
Universidade do Algarve	Faculdade de Ciências Humanas e Sociais	2	10
	Faculdade de Ciências e Tecnologia	5	
	Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo	2	
	Instituto Superior de Engenharia	1	
Universidade da Beira Interior	Faculdade de Ciências	1	16
	Faculdade de Ciências da Saúde	2	
	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas	5	
	Faculdade de Engenharia	8	
Universidade de Coimbra	Faculdade de Ciências e Tecnologia	4	4
Universidade de Évora	Escola de Artes	2	9
	Escola de Ciências Sociais	6	
	Escola de Ciências e Tecnologia	1	
Universidade da Madeira	-	6	6
Universidade do Minho	Escola de Engenharia	1	1
Universidade Nova de Lisboa	Faculdade de Economia	11	24
	Faculdade de Ciências e Tecnologia	6	
	Instituto Superior de Estatística e Gestão de Informação	7	
Universidade do Porto	Faculdade de Belas-Artes	1	10
	Faculdade de Ciências	1	
	Faculdade de Economia	4	
	Faculdade de Engenharia	3	
	Faculdade de Medicina	1	
Universidade Técnica de Lisboa	Faculdade de Motricidade Humana	1	13
	Instituto Superior de Agronomia	2	
	Instituto Superior Técnico	10	
Universidade de Trás-os-Montes	Escola de Ciências Agrárias e Veterinárias	5	9
	Escola de Ciências Humanas e Sociais	2	
	Escola de Ciências da Vida e do Ambiente	2	
Instituto Politécnico de Beja	Escola Superior de Tecnologia e de Gestão	2	2
Instituto Politécnico de Bragança	Escola Superior Agrária	4	8
	Escola Superior de Educação	1	
	Escola Superior de Tecnologia e Gestão	3	
Instituto Politécnico de Castelo Branco	Escola Superior Agrária	5	15
	Escola Superior de Gestão de Idanha-a-Nova	6	
	Escola Superior de Tecnologia	4	

*A Formação Superior em Empreendedorismo*

Instituto Politécnico do Cávado e Ave	Escola Superior de Gestão	4	9
	Escola Superior de Tecnologia	5	
Instituto Politécnico de Coimbra	Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Oliveira do Hospital	2	5
	Escola Superior de Tecnologia da Saúde	1	
	Instituto Superior de Contabilidade e Administração	2	
Instituto Superior Politécnico Gaya	Escola Superior de Ciências e Tecnologia	1	2
	Escola Superior de Desenvolvimento Social e Comunitário	1	
Instituto Politécnico da Guarda	Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto	5	12
	Escola Superior de Saúde	1	
	Escola Superior de Tecnologia e Gestão	3	
	Escola Superior de Turismo e Hotelaria	3	
Instituto Politécnico de Leiria	Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha	5	29
	Escola Superior de Saúde	2	
	Escola Superior de Tecnologia e Gestão	15	
	Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar de Peniche	7	
Instituto Politécnico de Lisboa	Escola Superior de Comunicação Social	3	7
	Escola Superior de Educação	1	
	Instituto Superior de Contabilidade e Administração	2	
	Instituto Superior de Engenharia	1	
Instituto Politécnico de Portalegre	Escola Superior de Tecnologia e Gestão	1	1
Instituto Politécnico do Porto	Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão	3	17
	Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Felgueiras	2	
	Escola Superior de Tecnologia da Saúde	3	
	Instituto Superior de Contabilidade e Administração	6	
	Instituto Superior de Engenharia	3	
Instituto Politécnico de Santarém	Escola Superior Agrária	1	8
	Escola Superior de Desporto de Rio Maior	1	
	Escola Superior de Educação	1	
	Escola Superior de Gestão e Tecnologia	4	
	Escola Superior de Saúde	1	
Instituto Politécnico de Setúbal	Escola Superior de Ciências Empresariais	4	12
	Escola Superior de Educação	5	
	Escola Superior de Tecnologia do Barreiro	2	
	Escola Superior de Tecnologia de Setúbal	1	
Instituto Politécnico de Tomar	Escola Superior de Gestão	3	5
	Escola Superior de Tecnologia de Abrantes	1	
	Escola Superior de Tecnologia de Tomar	1	

*A Formação Superior em Empreendedorismo*

Instituto Politécnico de Viana do Castelo	Escola Superior de Ciências Empresariais	3	
	Escola Superior de Tecnologia e Gestão	2	
Instituto Politécnico de Viseu	Escola Superior Agrária	6	
	Escola Superior de Educação	1	11
	Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Viseu	4	
Escola Superior Artística do Porto	-	1	1
Escola Superior Artística do Porto (Guimarães)	-	3	3
Escola Superior de Educação de Torres Novas	-	1	1
Escola Superior de Tecnologias e Artes de Lisboa	-	2	2
Escola Superior de Tecnologias de Fafe	-	1	1
IADE	Escola Superior de Design	1	1
Instituto de Estudos Superiores Financeiros e Fiscais (Porto)	-	3	3
Instituto Piaget	Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares – Mirandela	1	
	Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Lisboa – Almada	1	
	Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Lisboa – Santo André	1	18
	Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Lisboa – Viseu	1	
	Escola Superior de Educação Jean Piaget	3	
	Escola Superior de Saúde Jean Piaget	11	
Instituto Superior de Administração e Gestão	-	1	1
Instituto Superior Autónomo de Estudos Politécnicos	-	3	3
Instituto Superior Bissaya Barreto	-	1	1
Instituto Superior de Ciências Educativas	-	1	1
Instituto Superior de Ciências da Informação e da Administração	-	1	1
Instituto Superior D. Afonso III	-	1	1
Instituto Superior D. Dinis	-	1	1
Instituto Superior de Educação e Ciências	-	1	1
Instituto Superior de Gestão	Escola de Gestão	10	10
Instituto Superior de Línguas e Administração de Lisboa	-	2	2
Instituto Superior da Maia	-	4	4
Instituto Superior Miguel Torga	-	5	5
Instituto Superior de Novas Profissões	Escola de Profissões	2	2
Instituto Superior de Psicologia Aplicada	-	1	1
Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões	-	2	2
Universidade Atlântica	Departamento de Ciências e Tecnologias de Informação e Comunicação	1	
	Departamento de Ciências Empresariais	2	5
	Escola Superior de Saúde	2	
Universidade Fernando Pessoa	Faculdade de Ciências Humanas e Sociais	2	2
Universidade Lusíada	Faculdade de Ciências da Economia e da Empresa	2	
	Faculdade de Ciências Humanas e Sociais	1	3
Universidade Lusófona do Porto	Faculdade de Economia e Gestão	5	5
	<b>Total</b>		<b>338</b>

**Anexo II** – Quadro 2 – Frequência absoluta de unidades curriculares em empreendedorismo, por áreas temáticas.

<b>Área Temática</b>	<b>UC (Não confere grau)</b>	<b>Frequência absoluta</b>
(1) Empreendedorismo em geral	Empreendedorismo	88
	Empreendedorismo e Criação de Empresas	8
	Seminário de Investigação e Empreendedorismo	5
	Entrepreneurship	3
	Seminário: Empreendedorismo	3
	Empreendedorismo e Criação de Negócios	2
	Empreendedorismo e Criação de Novos Negócios	2
	Empreendedorismo e Empresas Familiares	2
	Projecto de Empreendedorismo	2
	Projecto e Empreendedorismo	2
	Comportamento Organizacional e Empreendedorismo	1
	Proactividade e Espírito Empreendedor	1
	Empreendedorismo e Empregabilidade	1
	Introdução ao Empreendedorismo	1
	Métodos de Empreendedorismo	1
	Empreendedorismo e Inserção no Mercado de Trabalho	1
	Empreendedorismo e Seminários	1
Seminário sobre Empreendedorismo	1	
Teoria do Empreendedorismo	1	
(2) Empreendedorismo e Inovação	Inovação e Empreendedorismo	50
	Empreendedorismo e Inovação	20
	Empreendedorismo, Inovação e Transferência da Tecnologia	5
	Inovação, Criatividade e Empreendedorismo	3
	Economia, Empreendedorismo e Inovação	2
	Empreendedorismo, Inovação e Desenvolvimento Organizacional	2
	Criatividade, Empreendedorismo e Inovação	1
	Empreendedorismo e Inovação em Turismo	1
	Inovação e Empreendedorismo em Restauração e Catering	1
	Metodologias de investigação, inovação e empreendedorismo	1
(3) Empreendedorismo, Gestão e Organização Empresarial	Entrepreneurship Mastercourse	7
	Gestão e Empreendedorismo	7
	Gestão da Inovação e Empreendedorismo	7
	Organização de Empresas e Empreendedorismo	6
	Empreendedorismo e Gestão de Empresas	5
	Gestão de Empresas e Empreendedorismo	5
	Gestão Empresarial e Empreendedorismo	3
	Entrepreneurial Finance & Venture Capital	3
	Empreendedorismo e Gestão de PME's	3
	Introdução à Gestão e Empreendedorismo	3
	Empreendedorismo e Competitividade Empresarial	2
	Empreendedorismo e Gestão de Projectos	2
	Gestão de Projecto e Empreendedorismo	2
	Entrepreneurship and Cultural Management	1
	Empreendedorismo e Gestão do Atelier	1
	Empreendedorismo e Gestão Empresarial	1
	Empreendedorismo e Gestão da Inovação	1
	Empreendedorismo e Gestão de Negócios	1
	Entrepreneurship and Networks	1
	Empreendedorismo e Técnicas de Negociação	1
	Gestão Ágil e Empreendedorismo	1
	Gestão Estratégica e Empreendedorismo	1
Gestão Financeira de Projectos e de Empreendedorismo	1	
Gestão de Instituições e Empreendedorismo	1	
Gestão da Tecnologia e Empreendedorismo	1	

*A Formação Superior em Empreendedorismo*

	Organização, Gestão e Empreendedorismo	1
	Projecto Empresarial, Seminários e Empreendedorismo	1
(4) Empreendedorismo, Economia e Marketing	Economia, Gestão e Empreendedorismo	5
	Marketing, Inovação e Empreendedorismo	3
	Economia, Empreendedorismo e Inovação	2
	Empreendedorismo e Marketing	2
	Marketing e Empreendedorismo	2
	Economia e Empreendedorismo	1
	Empreendedorismo na Indústria Alimentar	1
	Empreendedorismo e Marketing no Desporto	1
	Empreendedorismo e Planos de Negócios	1
	Projecto de Marketing e Empreendedorismo	1
	(5) Empreendedorismo e Saúde	Empreendedorismo e Gestão em Saúde
Empreendedorismo em Saúde		3
Empreendedorismo em Ciência Animal		1
Empreendedorismo e Saúde		1
Gestão de Projecto e Empreendedorismo em Saúde		1
(6) Empreendedorismo e Tecnologia, Indústria e Design	Bioempreendedorismo	2
	Empreendedorismo Cultural e Indústrias Criativas	2
	Criação de Empresas e Bio-empreendedorismo	1
	Design Estratégico e Empreendedorismo	1
	Desenvolvimento de Produto e Empreendedorismo	1
	Empreendedorismo e Análise de Decisão	1
	Empreendedorismo de Base Tecnológica	1
	Empreendedorismo Tecnológico	1
	Práticas de Empreendedorismo, Retalho e Força de Vendas	1
(7) Empreendedorismo e Ciências Sociais	Social Entrepreneurship	3
	Empreendedorismo, Economia Social e Cooperativismo	2
	Empreendedorismo no Campo dos Media	1
	Empreendedorismo e Inovação Social	1
	Empreendedorismo Social	1
	Empreendedorismo Social e Empregabilidade	1
	Formação, Inovação e Empreendedorismo Social	1
	Projectos de Empreendedorismo e Inovação em Políticas Sociais	1
<b>Total</b>		<b>338</b>



Anexo III – Quadro 3 - Informação complementar do resultado das entrevistas realizadas (Caso A, B e C).

Temas		Caso A	Caso B	Caso C
Programa do Curso	Objectivos	O curso propõe-se fornecer uma visão integradora de todo o processo, desde a identificação de uma necessidade do mercado e a geração de ideias inovadoras até ao lançamento em fabrico do produto que satisfaz essa necessidade.	O principal objectivo desta Pós-Graduação é preparar o aluno para desenvolver uma actividade empresarial.	O curso tem como objectivo formar profissionais aptos a conceber planos de negócio; instalar negócios; conceber, implementar e acompanhar planos estratégicos empresariais; conceber, implementar e acompanhar sistemas de avaliação da performance; desenvolver planos de marketing; estruturar e reestruturar financeiramente empresas; conceber, implementar e acompanhar sistemas de inovação.
	Formação anterior dos alunos	Maioria: Design e Engenharia, “(...) alunos de Design, Design de Equipamento e Design Industrial, uma série de engenheiros de várias áreas, seja de Engenharia Mecânica, de Engenharia Electrotécnica. Já tive dois ou três arquitectos também a tirar o curso, algumas pessoas de Comunicação (...) sobretudo Design e Engenharia”	Maioria: Engenharia, Economia e Gestão, “As pessoas com formação que aparecem com mais frequência são engenheiros, alguns economistas, também gestores, também vêm aprender a fazer projecto, mas também aparecem engenheiros civis, aeronáuticos, químicos (...) de agronomia, veterinária, mas também de direito e de sociologia, e de psicologia. Até na área (...) de Ciências da Educação, para abrirem escolas para jovens, infantários, escolas de música, isso também é fazer gestão”	Maioria: Gestão, “(...) eu diria que 60% são licenciados em Gestão, uns 30% são licenciados em áreas afins, Marketing, Publicidade, Assessoria de Administração, Contabilidade, Fiscalidade. Uns 10% são licenciados em, as coisas mais diversas, desde Fisioterapia, Direito”
	Unidades Curriculares	<b>Módulo I</b> – Empreendedorismo; <b>Módulo II</b> – Inovação e Criatividade no DP; <b>Módulo III</b> – Identificação de necessidades, geração, selecção e teste de conceitos; <b>Módulo IV</b> – Especificações e arquitectura de produto; <b>Módulo V</b> – QFD e análise do valor; <b>Módulo VI</b> – Design Industrial; <b>Módulo VII</b> – Prototipagem; <b>Módulo VIII</b> – Design for X; <b>Seminário I</b> – Comunicação técnica; <b>Seminário II</b> – Design e Engenharia no DP; <b>Seminário III</b> – Propriedade Intelectual;	<b>1º semestre:</b> Estudos de Mercado; Marketing; Noções de Contabilidade Geral e Analítica; Direito das Sociedades e dos Contratos; Seminários – Temas: “Introdução ao Empreendedorismo”; “Estratégia Empresarial”; “Liderança”. <b>2º semestre:</b> Finanças Empresariais; Gestão de Projectos Aplicados à Instalação de Unidade Operacional; Controlo de Gestão; Fiscalidade; Seminário – Temas: “Negociação”; “Ética e Responsabilidade Social”; “Técnicas de Comunicação e Apresentação”; Projectos: “Criação de um Projecto Empresarial”.	<b>1º semestre:</b> Economia global e do Conhecimento; Métodos Estatísticos de Análise e Apoio à Decisão; Estratégias Competitivas; Empreendedorismo e Inovação Empresarial; Enquadramento Legal da PME. <b>2º semestre:</b> Logística e Operações; Investimentos e Mercados Financeiros; Recursos Humanos e Comportamento Organizacional; Marketing Aplicado; Avaliação da Performance; <b>3º semestre:</b> Metodologias de Investigação; Seminário; Projecto ou Estágio; <b>4º semestre:</b> Projecto ou Estágio.

*A Formação Superior em Empreendedorismo*

		<b>Seminário IV</b> – Gestão do Produto.		
<b>Dados complementares</b>	<b>Número de edições</b>	Três	Três	Duas
	<b>Número de alunos</b>	Entre 30 e 35	+ de 3000	75